

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 69

07 de agosto de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria inverter um pouco a ordem normal e começar com uma pergunta que, por vias indiretas, nos introduzirá ao assunto que é uma continuação da leitura e análise do livro do Dardo Scavino, *Filosofia Atual*. A pergunta é do Beto Moraes.

Aluno: Conhecendo a eficácia da mentalidade revolucionária para eliminar os seus adversários, não devemos esperar um ataque direto nesse período de formação? Que tipo de ataque esperar e como nos acautelarmos?

Olavo: A resposta é não. Não haverá ataque algum. Iniciativas como a nossa podem às vezes ser boicotadas. Pode ser que apareça um *hacker* para amolar, para criar problemas. Não passará disso. Em hipótese alguma, mesmo porque nós não temos nenhuma atuação pública de tipo política e nenhuma militância. Porém, há algumas coisas que eu deveria advertir quanto a isso.

Em primeiro lugar, o tipo de atuação intelectual que eu espero dos alunos deste curso não é algo que se limite a situação brasileira, porque talvez a situação brasileira se complique de tal maneira e o Brasil chegue a um ponto de degradação, donde não seja possível tirá-lo em menos de meio século, seis décadas, sete décadas ou talvez mais do que isso. Se isto acontecer, então vocês têm de estar preparados para desempenhar as suas atividades no exterior. Isso não deixa de ser muito bom porque, no fim das contas, a área de ocupação da mentalidade revolucionária é o universo inteiro.

Se fosse apenas um fenômeno local brasileiro nós poderíamos simplesmente mudar de país, esquecer tudo e deixar que o país vá para o brejo enquanto os outros continuam o caminho normal, mas isso realmente não é possível. Mesmo sob certos aspectos, a situação brasileira chega a ser melhor do que a de outros países pelo fato de que a maioria da população não é afetada pela maior parte das mudanças introduzidas pela mentalidade revolucionária desde 1988 quando do advento da nova constituição. Pelo fato de que a maior parte não lê jornal, então a influência que ela recebe da militância revolucionária é muito tênue e vem filtrada através da Rede Globo, algo muito indireto.

O esforço que tem sido feito para modificar o senso comum através da televisão é gigantesco, mas os efeitos são relativamente ralos e muito lentos.

Em todas as pesquisas de opinião pública que aparecem os brasileiros se manifestam de maneira declaradamente conservadora, pelo menos do ponto de vista social e moral. É claro que esse conservadorismo não tem expressão política porque não há partidos políticos conservadores e somente candidatos de esquerda. Então, por mais conservador que o sujeito seja, ele acaba votando em um candidato de esquerda que lhe pareça conservador quando o discurso do cidadão coincide com o conservadorismo popular em um ponto ou outro. Por exemplo, temos a dona Marina que é contra o aborto. Então, ela já parece conservadora sob certos aspectos. Até o Lula pôde parecer conservador num certo momento e visto sob certo ângulo. Então, a totalidade da população acaba escoando os seus votos nos candidatos que existem.

A operação que foi feita para monopolizar todo o jogo político – pela esquerda – fez com que a política brasileira hoje se tornasse um bando de esquerdistas chingando-se uns aos outros de direitistas. Isso é a totalidade do debate político nacional. Nas duas últimas eleições presidenciais, e nesta também, vemos um campeonato de esquerdismo. Cada um querendo provar a sua lealdade maior às tradições da esquerda. O simples fato de que o termo direitista tenha se transformado na principal acusação que se pode lançar entre os políticos já demonstra da maneira mais patente que os partidos de esquerda monopolizaram o espaço político.

Podemos dizer que na classe política não existe efetivamente elementos de direita. Existem elementos que são direitistas sob certos aspectos. Se colhemos na totalidade o que seria um programa conservador, eles defendem um ponto ou outro frequentemente com total incompreensão do que está realmente e jogo. As pessoas não estão absolutamente preparadas para lidar com a complexidade do problema. O movimento revolucionário não é obra de políticos de interior, de políticos que se deixam dirigir por marketeiros como são os nossos. Quando o político é um total amador ele faz o que marketeiro ordena, com resultados brilhantes como este obtido no último debate presidencial que foi assistido por 4% da população. Daí, já basta para mostrar o quanto os marketeiros entendem de política e como é loucura se deixar levar pela opinião deles. Mas, quando não existe mais política, sobra publicidade. Resta a venda de candidatos. Essa política baseada no *marketing* pode funcionar durante algum tempo, mas, no longo prazo, não há produto no mundo que possa se manter na base exclusivamente da propaganda. Isso não existe. Se o produto é ruim e não funciona, no começo pode-se até vendê-lo com base na propaganda, mas ao longo do tempo as pessoas se cansam daquilo, vêem que não funciona. Precisa haver alguma correspondência entre o discurso publicitário e a realidade.

No Brasil a diferença entre esses dois discursos – o da publicidade e o técnico, relativo ao funcionamento do produto –, a distância, é máxima e nos Estados Unidos é mínima. Se um produto promete alguma e não faz, ele realmente cai no mercado em uma velocidade impressionante. No Brasil não, leva-se muito mais tempo. A pessoa já tem a expectativa de que o discurso político seja totalmente mentiroso e isso é considerado normal e muitas pessoas até admiram. A capacidade de prometer uma coisa e, fazer outra totalmente diferente, muito pior, e ainda assim ser reeleito na próxima eleição é

considerado no Brasil um mérito. Não se espera realmente que um político ofereça um programa objetivo e o cumpra. Ninguém espera isso no Brasil.

Por outro lado, como eu disse antes, o movimento revolucionário não é criado por políticos de interior. Ele é criado por intelectuais de altíssimo gabarito que têm um horizonte de visão que transcende infinitamente o dos seus possíveis adversários na direita. Na direita há pouquíssimas pessoas que compreendem de fato o que é o movimento revolucionário. Por exemplo: quando houve a votação da lei anti-homofóbica apareceu o senador Paes de Lira protestando contra aquilo e os seus argumentos eram os de que a lei provocaria a discriminação, de que provocaria estes ou aqueles efeitos maléficos etc. Todo um raciocínio baseado na premissa de que o objetivo da lei era efetivamente proteger homossexuais contra ataques. Ele aceita como real o pretexto oferecido pelo outro lado em vez de analisar as coisas como são.

Existe um fator no movimento revolucionário que já tem comprovação de pelo menos 2 séculos que é o seguinte: a revolução não pode realizar-se – e isto é importantíssimo – ela não é um projeto a ser alcançado mediante o controle das ações racionais segundo fins. Dito de outro modo: ela não é um projeto a ser realizado por um meio técnico-racional, um projeto definido a ser realizado por tais ou [00:10] quais meios. A revolução não é isso e não pode sê-lo em hipótese alguma. Ela só existe enquanto promessa de futuro e só pode existir assim. Se ela for um projeto definido a ser alcançado por meios racionalmente controláveis, então ela tem de terminar. No instante em que ela termine não há mais revolução e ela poderá ser julgada pelos seus feitos, pelos seus atos. Evidentemente esses atos, no momento em que forem julgados, podem ser condenados ou rejeitados e isso terá de ocasionar uma nova revolução e assim por diante. Então, a revolução se concebe a si mesma como um projeto universal. Não há nenhum projeto revolucionário no mundo que tem o seu escopo ou objetivo limitado a um país ou a uma época. Mesmo as propostas revolucionárias de tipo nacionalistas, como por exemplo o projeto alemão nazista que era um projeto alemão pelo seu conteúdo ideológico, com a proclamação da superioridade da raça alemã, entretanto o seu horizonte de realização dessa revolução era mundial.

A revolução só pode ser mundial, total. Se ela só pode ser total, significa que nenhuma revolução em particular realiza a revolução, realiza a idéia da revolução. Essa ideia, como vem impregnada de elementos de gnostismo, se expressa numa revolta geral contra a estrutura da realidade, numa negação da estrutura realidade: que é a realidade é maligna incluindo o próprio Deus. Na perspectiva gnóstica é o próprio Deus que tem de se corrigir. Ele tem de se transmutar para se reintegrar na sua própria Natureza pura porque ele cometeu um grande pecado ao criar o mundo e por isso Ele tem de se redimir deste pecado mediante uma transformação de si mesmo. Se a transformação deve abranger o todo, então não há como dentro do todo se conceber um outro todo que possa ser a medida da realidade boa a ser alcançada. Se todo o universo está condenado e todo ele precisa ser transmutado, não existe um outro universo que possa servir de parâmetro. Então, a revolução se auto concebe como um processo total de auto transformação da totalidade do real. E isso, por definição, não tem limite – é claro que, isso que eu estou

explicando, para os críticos analistas de tipo liberal que estudaram economia, ou algo assim, é inconcebível; eles não chegam a entender isso.

Como a revolução é um processo total, não existe um parâmetro, um limite, pelo qual se possa definir se a revolução foi atingida ou não. Isso quer dizer que toda e qualquer modificação por mais profunda, radical e avassaladora que seja nunca é ainda a revolução. Isso significa que só existe, na prática, a revolução sob a forma da revolução permanente. Essa doutrina do Trotsky está embutida de certo modo em toda a política revolucionária e inclusive na do seu principal inimigo Stalin, porque Stalin não parou de promover a revolução o tempo todo. É incrível porque diziam que Trotsky queria a revolução mundial e Stalin queria o comunismo num só país, mas na verdade Stalin não parou de promover revoluções comunistas no mundo inteiro muito mais do que o teria feito, provavelmente, Trotsky. Se a revolução é esse processo total, significa que qualquer mudanças pelas quais os revolucionários lutem neste ou naquele momento, ela não tem a finalidade nem de produzir a revolução e muito menos de alcançar o estado perfeito que a revolução visa. Na verdade qualquer modificação não significa nada para o revolucionário. Qualquer modificação é pouca. Ela só tem uma função, por assim dizer, mágica, e evoca nas pessoas o fato e o desejo da revolução, ou seja, a revolução está em curso e estamos em plena auto-modificação da totalidade do real e estamos todos envolvidos nisso.

Há um autor italiano chamado Vittorio Mathieu que compara o processo revolucionário não à execução de um projeto técnico de mudança social, ou de qualquer outra coisa, mas a criação artística. Quando um artista está criando um romance ele não tem o conceito total do romance no momento em que ele começa a escrever. O romance vai tomando forma aos poucos. Não existe um processo técnico que pela execução de determinadas regras artísticas garanta a produção e o êxito final da obra. Neste processo de auto criação – é claro que ele utilizará algumas técnicas, porém elas não garantem o resultado – tem de haver um outro fenômeno interno que é chamado de inspiração, ou algo assim, que no decurso do processo vai criando a obra. Tanto que a partir de um certo momento, o romancista acredita que está sendo conduzido pelos seus personagens. Eles adquiriram uma espécie de dinâmica própria e eles o forçam a escrever isto ou aquilo. Então, ele não controla a totalidade do processo. A revolução é um processo similar segundo Vittorio Mathieu, no que ele tem toda a razão.

A revolução não se assemelha à execução de um projeto técnico ou de um projeto político mas à criação artística. Os críticos liberais do socialismo jamais poderão entender, porque eles raciocinam sempre segundo os cânones tecnocientíficos e a ideia da ação racional segundo fins. Como eles não entendem o que os revolucionários estão fazendo, mas os revolucionários entendem o que eles estão fazendo, então é evidente que desde logo a perspectiva revolucionária abarque e transcenda a perspectiva do outro lado. Então, já cumpre a famosa regra do Sun Tzu: “vence aquele que conhece a si mesmo e conhece o adversário.” O revolucionário sempre conhece o adversário melhor do que este se conhece a si mesmo. Quando eu falo adversário, refiro-me a forças políticas. É claro que sempre haverá um ou dois intelectuais que possam examinar a coisa exatamente como eu estou fazendo. Eu entendo a

perspectiva revolucionária melhor mesmo do que eles entendem. Eu não sou uma força política. Não existe nenhum movimento político que seja fundado em uma verdadeira compreensão do fenômeno revolucionário e que se oponha a ele eficazmente. Explicarei daqui a pouco a única maneira possível de se opor a ele.

Como as várias iniciativas tomadas pelo movimento revolucionário, sejam iniciativas militares ou iniciativas políticas, publicitárias, culturais etc, nenhuma delas produz a revolução muito menos produz o estado definitivo. O único objetivo delas é manter a máquina em movimento e manter, por assim dizer, o estado de inspiração que fará com que as pessoas continuem participando do movimento revolucionário. O efeito psicológico de aumentar o momento, no sentido físico do termo, do processo revolucionário é a única finalidade dessas ações, sejam ações terroristas, ações políticas, reivindicações apresentadas, protestos populares, etc. Mesmo que todas estas iniciativas não produzissem efeito prático nenhum, como a maioria delas não produz, elas funcionam porque mantêm o movimento e, eu já expliquei a vocês que no livro de Dostoiévski, *Os Demônios*, as personagens, que são todos revolucionários, designam o movimento revolucionário sob o termo o movimento, ou seja, a revolução so se concebe a si mesma como um movimento que não pode parar nunca porque não tem um ponto de chegada. Não pode haver um ponto de chegada porque a modificação visada abrange a toda a realidade. [00:20] Não é, assim, que há um desajuste, um ponto errado, uma injustiça, uma coisa ineficaz localizadamente que comparada ao resto do universo possa ser tida como anormal, porque não há normalidade. Não existe normalidade, não existe um parâmetro de normalidade ao qual tal ou qual parte do universo deva se ajustar. Tudo está na anormalidade. A anormalidade abrange tudo. Tudo é anormal, a existência é anormal.

Isto quer dizer o seguinte: se num determinado momento, num determinado lugar, o movimento revolucionário luta por uma modificação específica, por exemplo: quando alguém propôs a semana de trabalho de 5 dias, chamada de semana inglesa, o movimento revolucionário inteiro apoiou; ou leis antiracistas ou leis racistas: quando votaram as leis raciais na Alemanha, toda a população apoiou. Isso já mostra que o movimento revolucionário pode propor uma coisa num lugar e outra coisa. [queda da transmissão]

Quando aparece uma proposta político-social e cultural específica em um determinado lugar, mobilizam-se as organizações revolucionárias, a militância revolucionária, para lutar por um ponto específico ou outro. É inteiramente absurdo supor que a proposta tenha os objetivos declarados. Ela nunca tem. Ela nunca tem objetivo nenhum a não ser aumentar o momento da revolução. Quando um conservador ou liberal, direitista, imagina que ele deve lutar por aquela reforma, por aquela modificação, para tomar a bandeira, tomar o pretexto do outro lado, ele está ajudando o movimento revolucionário de qualquer maneira. E se ele se opõe, também está ajudando porque está personificando tudo o que existe de mal no mundo e a resistência ao bem. Não há para onde correr. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Isso significa que qualquer tomada de posição com relação a esses pontos específicos é sempre errada. Se o movimento revolucionário é uma coisa

abragente e total, ele só pode ser combatido de modo abragente e total. Os pontos específicos nunca são o problema. Qualquer resistência que se ofereça, resistência pontual, é tão inútil quanto fazer o contrário. Se você, em vez de resistir, aderir para tomar a bandeira, ou seja, fazer a revolução antes que eles façam, você sai perdendo das duas maneiras. É por isso que o movimento revolucionário avança no mundo inteiro sem que ninguém possa detê-lo, porque qualquer reivindicação específica, qualquer exigência específica que o movimento revolucionário faça num determinado momento, não tem por objetivo resolver aquele problema, sanar aquela doença, superar aquela dificuldade. Nada, nada, nada! Isso sempre gera maiores dificuldades e faz parte do processo. Por exemplo: para mim a coisa mais clara do mundo é que se você faz uma lei específica para proteger uma determinada comunidade que se diz gay, ou seja, essa comunidade gay tem direito a mais proteção do que as outras, você acabou de instaurar um princípio segundo o qual o gosto sexual que determinadas pessoas tenham é fonte de direitos. Ora, quem diz que o sujeito para desfrutar deste direito precisa ser efetivamente homossexual? Ninguém precisa porque não se exige prova de homossexualidade. Isto consiste na proclamação de uma lei que protege “os gays”, sendo que nem mesmo o conceito de gay está explicado. Ela imediatamente dissolve todo o código penal, assim como o casamento gay dissolve todo o código civil. E criará dificuldades jurídicas absolutamente intransponíveis. Essas dificuldades, então, serão naturalmente atribuídas ao próprio sistema. Ou seja, não é esta lei que está errada, é o sistema que está errado. Logo, isso não visa resolver um problema, mas a criar infinitos problemas. É claro o objetivo proclamado é um objetivo pretextual, é sempre pretextual. Por exemplo: quando nos Estados Unidos disseram que precisava introduzir a educação sexual nas escolas para diminuir o número de casos de gravidez juvenil. O número de casos, e tão logo instaurada a educação, multiplicou-se por dez mil. Isso é a coisa mais evidente do mundo.

Como para a mentalidade revolucionária o Universo inteiro está errado, ela sempre pode encontrar algum outro fator para acusar porque tudo o que existe é acusável. Ou seja, o número de bodes expiatórios à disposição do discurso revolucionário é infinito. Qualquer coisa pode ser acusada de causar qualquer coisa. Se você discutir, por exemplo: deve-se introduzir a educação sexual nas escolas e isso diminuirá o número de gravidez juvenis? Se você discutir nessa base cairá em um engodo porque não é isso que é para ser discutido. O que é para discutir é a presença de elementos revolucionários na política, na vida cultural. É a simples presença destes indivíduos que deve ser rejeitada, ainda que eles venham com uma proposta que pareça razoável. Qualquer proposta, qualquer uma sempre parecerá razoável sob determinados aspectos. É impossível que haja uma proposta 100% errada e maligna. Isso não existe. Nós não podemos conceber isso. Além disso seria contraproducente. Por exemplo, eles não farão uma proposta de liquidação da humanidade inteira. Isso não seria concebível como proposta e por isso mesmo não será apresentada.

Qualquer discussão de qualquer proposta que esteja respaldada pelo movimento revolucionário é sempre cair no engodo. Sempre e sempre. Todas as propostas podem ser benignas ou malignas. Todas, absolutamente todas, dependendo do quadro de referência geral no qual elas estão colocadas. O

problema é que o quadro de referência do revolucionário é sempre imensamente mais amplo do que o dos conservadores, liberais, etc. O revolucionário sabe o que está fazendo quando ele coloca uma proposta nova. Ele sabe que está simplesmente aumentado o movimento, dando força ao movimento para chegar a um suposto estágio final que não é atingível e que só funciona porque não é atingível. Ele sabe disso. Pelo menos a liderança do movimento revolucionário sempre soube disso. Mas, o pessoal liberal-conservador, como encara as coisas do ponto de vista da racionalidade técnica, julgará esta proposta em termos dos seus efeitos benéfico ou maléficos sob determinado aspecto tecnicamente definível e nunca do ponto de vista do seu [00:30] impacto histórico total.

Por quê? Liberais e conservadores não têm nenhuma visão total do processo histórico. Só é possível ter essa visão total do processo histórico desde dois pontos de vista: o ponto de vista da religião ou o ponto de vista da revolução. Não tem outro. Ora, liberais e conservadores, por definição, se limitam ao que parece ser da sua alçada: a política, a economia, a direita etc. Então eles não têm condição nem de prever os efeitos globais que qualquer modificação proposta pelos revolucionários vai ter e muito menos de ser opor a isso. O que interessa jamais é discutir se uma proposta é benéfica ou maléfica. Se o movimento revolucionário está apoiando, é ruim sempre. Qualquer coisa que eles propõem é sempre ruim. Por quê? Porque não visa a este ou aquele resultado específico. Se o resultado for benéfico, ótimo, isto aumenta o prestígio do movimento revolucionário; se for maléfico, eis aí mais um motivo para você criticar a sociedade existente. Então você está sempre trabalhando para eles enquanto você admite a presença deles no mundo político, cultural etc.

Então, só existem duas propostas do mundo: ou a proposta revolucionária ou a proposta da extinção do movimento revolucionário, que é exatamente o que eu estou propondo. Ou seja, o movimento revolucionário não é uma constante do espírito humano, ele é uma coisa que apareceu num certo momento da história e tomou conta de uma parte do planeta e de inúmeras cabeças fora do seu território. Então é uma coisa que teve um começo e terá um fim necessariamente. Esse fim pode ser a revolução? Não, a revolução não é um fim. Suponha que o movimento revolucionário domine o mundo inteiro, todos os países. Estará realizada a revolução? Não, porque sempre vai haver alguma coisa que tem de ser modificada. E como a idéia revolucionária é a modificação total, a mudança inteira da natureza inteira e do cosmos inteiro, isto nunca vai terminar. Então isto quer dizer, o movimento revolucionário pode terminar pela realização da revolução? Não, não pode. Então ele só pode terminar de duas maneiras: pela autodestruição da humanidade ou pela destruição do movimento revolucionário. Não tem outra alternativa. Isto quer dizer que este drama, esta agonia que já vem há 200 ou 300 anos matando milhões e milhões de pessoas, criando uma quantidade de sofrimento que nenhum outro fator jamais causou ao longo da história, isto só terminará quando for extinta a mentalidade revolucionária; ou seja, quando a legitimidade da proposta revolucionária for negada no todo. Ou seja, quando qualquer pessoa se apresentar em público com uma proposta qualquer que implique a concentração de poder, [ela] seja imediatamente retirada da vida pública.

Qualquer proposta que esteja direta ou indiretamente escorada na mentalidade revolucionária tem de ser rejeitada ainda que ela seja boa. Mas o problema não é a proposta, o problema é a pessoa.

Note bem, o movimento revolucionário não se constitui de uma ideologia ou de um projeto político, isto já está mais do que demonstrado. As idéias mais disparatadas, mais incongruentes podem ser definidas pelo movimento revolucionário. Não é aí que está o seu ponto de coerência. O ponto de coerência está num negócio que se chama “associação” ou que se chama “movimento”. O movimento revolucionário não se constitui de um projeto, não se constitui de uma idéia, se constitui de pessoas associadas, irmanadas pela própria idéia do movimento revolucionário. E se esse movimento mudar de idéia do dia para a noite, todas essas pessoas vão mudar. Como, por exemplo, Lênin dizia que o maior inimigo da revolução é o nacionalismo, Stalin conseguiu mudar, fazer com o que o nacionalismo fosse a grande arma da revolução não só dentro da URSS, mas fomentando movimentos nacionalistas aqui ou ali. Hoje em dia, o nacionalismo volta a ser o bandido, e a idéia de que toda a soberania nacional é maligna é uma idéia que já está sendo vendida para as pessoas não como doutrina, mas como imagem, como símbolo.

Outro dia eu assisti a um filme com o Pierce Brosnan chamado “Detonator”. O que é o *detonator*? É um sujeito que trabalha para a divisão anti-crime das Nações Unidas. Existe uma quadrilha chefiada por um ex-general russo, que rouba uma certa quantidade de plutônio para fazer duas bombas atômicas e que, com a ajuda de uma outra quadrilha americana, está transportando essas bombas de Bremen para Stuttgart, onde ele pretende usar as duas bombas como arma dissuasória para fazer certas exigências, modificar a estrutura de poder no mundo. Quando ele está ali atravessando o território alemão, a polícia alemã tenta fazer o que pode, mas logo se comprova a tese subjacente de que problemas globais têm de ter soluções globais e, portanto, precisa de uma autoridade global. Então eles chamam essa divisão anti-crime das Nações Unidas — divisão que não existe na verdade, mas que eles inventam —, e o enviado dessa comissão tem de enfrentar, naturalmente, a resistência da polícia alemã porque a polícia alemã diz “isso aqui é um problema nosso, é um problema alemão, vocês não mandam nada aqui”. Daí o sujeito vai lá e prova que ele manda. Nesse primeiro momento já fica demonstrado que problemas globais requerem soluções globais. Então a polícia alemã aparece como o palhaço da história, que é incapaz de lidar com problemas transnacionais numa escala nacional. Só que a disputa entre a soberania global e a soberania nacional não se limita só a esfera de quem vai administrar o problema, ela também está subentendida na própria natureza do crime que está sendo praticado. Por quê? O crime junta duas quadrilhas de nacionalistas: o nacionalista russo que não quer ver a Rússia submetida a Nova Ordem Global e o nacionalista americano que fala com sotaque do meio-oeste — então é um *redneck* —, que é um nacionalista americano que também não quer ver os EUA submetidos à Nova Ordem Global.

Milhares de pessoas assistem a esse filme, acham aquilo tudo muito natural e não percebem que acabaram de ser enganadas. Por quê? Pergunto: Existe alguma entidade transnacional que seja capaz de enfrentar o terrorismo

melhor do que as nações têm enfrentado? Não, ao contrário. Quantas operações transnacionais de combate ao terrorismo tiveram bom efeito até hoje? O que existe é uma operação nacional americana que às vezes outras nações subscrevem só para não ficar para trás, mas quem está agindo lá é uma nação ou outra. Em segundo lugar, qual é a possibilidade de aliança entre nacionalistas americanos e nacionalistas russos contra o poder global? A primeira coisa que os nacionalistas russos eles mais odeiam no mundo é os EUA, porque os EUA para eles representam o movimento nacionalista. A segunda coisa que eles mais odeiam é judeu porque eles acham que o globalismo é uma conspiração americano-judaica. E, nos EUA, o que o pessoal nacionalista mais odeia é o movimento comunista e todos aqueles que estiveram associados a ele. Qual é a posição deles com relação aos judeus? Depende. Se você vê o judeu por um certo lado, você acha que os judeus são inventores do movimento comunista, então você odeia judeu; por outro lado, quando você vê Israel sendo atacado por tudo quanto é esquerdista no mundo, então você acha que o judeu é a vítima do processo. [00:40] Então a posição que o nacionalista americano pode tomar com relação ao judeu é dupla: ou ele é amigo do judeu ou ele é inimigo do judeu. Qual é a possibilidade da aliança entre essas duas forças? A possibilidade é nula. Mas no plano simbólico ela já está forjada. E isto é assim por quê? Porque a revolução, como eu disse, só pode existir no futuro, ela nunca pode se realizar. Ela pode estar sempre em movimento, jamais realizar-se. Como ela não pode realizar-se, ela tem de fazer com que as pessoas comecem a viver não no mundo onde elas estão agora, mas num mundo hipotético futuro. Neste mundo hipotético futuro existem problemas globais que têm soluções globais e existem grupos nacionalistas que estão tentando destruir tudo. Quando na realidade você vai ver que o apoio para esses movimentos terroristas vem exatamente das fontes de poder global, as mesmíssimas fontes, e não é de hoje que vem.

Assim como esse filme, eu poderia citar milhares e milhares de outros onde tudo é apresentado da maneira mais inversa sempre. As pessoas dizem “ah, mas é apenas ficção”. Ora, um momento!, os julgamentos que as pessoas fazem sobre a realidade, que o cidadão comum faz sobre realidade, é baseado em extensa informação científica? Não, é claro que não. Ninguém tem tempo para se informar sobre todos os fatos. Então o julgamento é tomado com base no que se chamam os *topoi*, lugares comuns. Esses lugares comuns se impregnam em imagens, então as imagens é que decidem, são a fonte das decisões políticas populares. Por isso, é mais importante você produzir filmes, peças de teatro, programa de televisão, exposição de arte — mudar o imaginário — do que você atacar diretamente este ou aquele ponto da opinião pública. Você só pode atacar uma opinião pública quando o imaginário popular já está trabalhado para isso, senão não vai.

Vou lhe citar um outro exemplo. Tem um filme chamado “Frances”, com a Jessica Langer, que conta a história da atriz Frances Farmer. Era a atriz mais bonita que já existiu no cinema americano. Vocês procurem Francis Farmer no *Google*, põe *Google Images*, vocês vão ver. Tem um filme que ela fez com Tyrone Power, em que ela faz a bandida e a Gene Tierney, que era outra mulher maravilhosa, faz a moçinha. Mas você fica consternado porque Gene Tierney é uma mulher muito bonita, mas comparada com a esta ela sai

perdendo evidentemente, então você fala: “Poxa, por que a moçinha tinha de ser a segunda na escala?” Mas Frances Farmer foi pega cometendo uma infração qualquer de trânsito e, em vez de lhe darem uma multa, levaram-na para um hospital psiquiátrico de onde ela nunca mais saiu. Foi submetida a todos os tratamentos mais brutais que você pode imaginar. Naquela época tinha um tratamento de você botar a pessoa na água gelada por seis horas seguidas, que diziam que era para acalmar. Imagina como eu ficaria calmo se botasse uma bacia de gelo, bota eu lá dentro! Ficaria calmíssimo. Foi submetida a isso. Eu não sei quantos eletrochoques, uma série infindável de eletrochoques e, por fim, foi lobotomizada. Quando você vê o filme, você tem impressão que é o *establishment* capitalista malvado que está fazendo isso com a garota. Na verdade, o que aconteceu foi exatamente o contrário. Tem um repórter chamado William Arnold que depois descobriu tudo. Como muitas outras pessoas de Hollywood na época, nos anos 30, Frances Farmer era uma simpatizante comunista, e lá pelas tantas quiseram cooptá-la para ela passar para a clandestinidade e fazer o papel de pombo-correio do Partido Comunista, e ela não quis. Como se fez com tanta gente. Mas acontece que aí ela já estava sabendo coisa demais, então era preciso fazer com ela? Era preciso dar um jeito nela, e deram. No filme não se fala disso. Isto quer dizer que aí você vê o movimento revolucionário usando o seu próprio crime como um meio de acusar os outros.

Por exemplo, esse *topos* de que o *establishment* psiquiátrico — presta atenção — é um elemento fundamental da estrutura do poder e que a sua função é repreensiva e não curativa, é um *topos* que se espalhou por todo mundo e que todo mundo aceita. Na verdade, isto reflete a condição que existia não nas democracias ocidentais, mas na URSS onde o *establishment* psiquiátrico era realmente isto, e onde ser de oposição era uma doença mental. Quer dizer, o número de pessoas, de intelectuais de alto gabarito que foram presos em hospitais psiquiátricos, declarados loucos, é milhares e milhares e milhares. Então lá na URSS, isto era uma coisa oficial, fazia parte da estrutura do Estado literalmente. Agora, analogicamente você pode dizer que o *establishment* psiquiátrico no Ocidente tinha alguns aspectos disso e podia ser usado para isso também, embora na maior parte dos casos não fosse. A luta pela liberação dos doentes mentais, para liberá-los da opressão do sistema psiquiátrico, ela progrediu e adquiriu força aonde? Na URSS? Não, no Ocidente. Onde o problema realmente existia, a opressão era demasiada para que se pudesse fazer oposição, então criou-se oposição aonde? Aonde o problema só existia analogicamente, ou seja, como figura de linguagem. Ou seja, havia sistema psiquiátrico, na maior parte dos casos ele visava realmente a curar as pessoas com maior ou menor sucesso, mas em certos casos podia ser usado como instrumento de opressão. Por exemplo, o marido que queria se livrar da esposa, então soltava uma propina para um psiquiatra, o psiquiatra assinava um atestado de que ela estava louca, e ele se livrava da mulher. No Brasil, houve um famoso caso em que uma senhora milionária começou a ser seduzida pelos comunistas e começou a colaborar com eles. O marido não gostou, arrumou um atestado, botou-a num hospital, de onde ela foi raptada por um grupo de comunistas, inclusive o poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad. Foi um escândalo. Isso aconteceu nos anos 60. Claro que havia esses casos também aqui, só que para isto você precisava um agente que

corrompesse os médicos para fazer isto – prova de que isto não era o procedimento normal. Agora, na URSS isto era o procedimento normal.

Isto quer dizer que o mesmo movimento revolucionário que, na URSS, encarcerava pessoas como loucas pelo simples fato de serem de oposição, criou um movimento de antipsiquiatria no Ocidente para acusar o *establishment* psiquiátrico ocidental de fazer isto. E teve muita gente no meio conservador que aceitou isso. Por exemplo, o grande psiquiatra Dr. Thomas Szasz, do qual eu tenho a honra de colega na ONG Forces.org — que é uma ONG que luta pelo direito dos fumantes. No conselho faz parte eu, o Dr. Thomas Szasz e outros indivíduos, então tenho o maior respeito pelo Dr. Thomas Szasz. Mas ele embarcou nessa coisa. Olhando o sistema psiquiátrico sob certo aspecto, ele parecia ser um instrumento do *establishment*, embora ele não fosse isso essencialmente e não fosse isso na maior parte dos casos. Mas com um pouquinho de retórica você faz com que um aspecto pareça ser o todo. Agora, onde ele era realmente o todo não houve oposição nenhuma. Os exemplos podem se multiplicar *ad infinitum*. E foi justamente examinando esses exemplos que eu acabei notando que a inversão de sujeito e objeto é um dos elementos fundamentais da lógica revolucionária.

Então [00:50] nós não temos tempo aqui — esse também não é o nosso tema fundamental — para investigar porque isto se disseminou no Ocidente. Mas, não digo uma das causas, uma das condições sem as quais isso não poderia jamais ter acontecido é a perda generalizada do senso de imortalidade. Por quê? Se o indivíduo perde o senso de imortalidade, ele perde a medida correta do tempo. Veja, mesmo entre populações religiosas todo mundo acredita no seguinte: você vai morrer e daí você vai ter uma outra vida. Isto é idéia mais estúpida que alguém pode meter na cabeça, não pode haver uma outra vida, é a mesma vida. Você já está na mesma vida que você terá na escala da imortalidade. Tanto que nesses casos registrados de experiência em estado de morte clínica, onde não há atividade cerebral, o indivíduo morto se vê a si mesmo, ele vê as pessoas que estão no recinto junto com ele. [queda de transmissão]

O que eu estava dizendo é que entre as condições histórico-culturais sem as quais o movimento revolucionário jamais teria podido se expandir como se expandiu é a perda do senso de imortalidade. Eu não conheço nada no conteúdo dos Evangelhos que tenha sido tão sistematicamente esquecido por todos os pregadores católicos, protestantes, ortodoxos etc. do que aquele que é provavelmente o mais importante e o mais urgente de tudo o que Jesus falou quando passou pela Terra, que é: “Vós sois deuses”. Vocês já ouviram algum padre dizer isto no sermão? Não. Já ouviu um pastor protestante dizer isto? Não. Todos eles esquecem. Essa é a mensagem mais importante que Jesus Cristo nos passou porque não diz respeito aquilo que nós devemos fazer, não diz respeito a nossa conduta moral, mas diz respeito a nossa própria consistência ontológica. Ele está nos dizendo o que nós verdadeiramente somos. Eu tenho a impressão que depois dos exemplos que eu dei nas últimas aulas, ninguém mais vai questionar a questão da imortalidade. A convicção absoluta de que a consciência humana persiste após a morte física, eu creio que é um ponto definitivamente comprovado. Isto não prova a imortalidade

eterna, mas prova que a mortalidade é uma ilusão. Mesmo que você durasse cinco minutos, depois de morto a sua consciência permanece, mesmo que permanecesse cinco minutos, isto já prova que a consciência não depende do corpo. Quer dizer, a independência de consciência e corpo, a soberania da consciência para além do corpo físico é uma coisa que está definitivamente comprovada, e quem quer que negue é um charlatão. Isto já foi comprovado tantas vezes, tantas vezes, que o simples fato de isto não ser permanentemente repetido em todas as igrejas do mundo, em todos os púlpitos do mundo e em todas as escolas do mundo, já é um escândalo.

Acontece que é somente a consciência de imortalidade que pode nos dar a escala de tempo real na qual os acontecimentos terrestres podem ser medidos. Se um único indivíduo tivesse a imortalidade, ou seja, a partir do instante em que foi concebido, ele já tem a vida eterna a partir dali, isto significa que a duração de uma única alma humana é maior do que a duração da história terrestre inteira. E tudo o que sucedeu na Terra, todo o processo mundial das civilizações — do nascimento, crescimento, degenerescência e morte dos impérios — será para essa alma imortal apenas uma percepção instantânea. Uma única alma imortal é maior do que o processo histórico terrestre inteiro, porque o abarca. A partir da hora que você perde esta escala, a história terrestre cresce desmesuradamente e passa a ser a única dimensão possível da existência. Ora, mas existe história terrestre? Existe uma unidade da história terrestre? Não existe nenhuma, isto é um mito. Você vê civilizações inteiras que cresceram sem ter o menor contato com uma outra, processo totalmente independente e inconexo. Você vê civilizações que começam e de repente acabam. Aquilo que Spengler chamava “pseudomorfose”: começa a formar uma cultura aqui, de repente aquilo pifa e desaparece, é totalmente engolido por uma outra civilização e nunca mais se ouve falar daquilo. O número de línguas extintas que existe, línguas que as pessoas sabem que existiram mas que elas não conseguem decifrar. Por exemplo, os índios aí da América Latina — incas e astecas —, eles tinham um vocabulário escrito com barbantezinhos, eles colocavam os nozinhos no barbante. Sabe-se que isto é uma linguagem, nunca ninguém conseguiu decifrar. Então dizer [que] era um povo sem alfabeto, eu falo: não sabemos. Eles tinham um alfabeto, esses nozinhos nos barbantes eram como se fosse o nosso código de barras. Leiam o livro do Alexander Marshack, *The Roots of Civilization*, você vai ver lá. Quando eu li isso, eu digo: Meu Deus! Nunca ninguém decifrou isto, [1:00] não sabemos do que eles estavam falando.

Como é que você vai falar da história humana como Hegel? Quer dizer, o indivíduo que está na sua existência terrestre sem ter a perspectiva da sua imortalidade — ou seja, ele não está falando como alma imortal, mas está falando apenas como um indivíduo, um filósofo que viveu numa certa época —, ele não pode ter essa visão abrangente, mas ele a terá. Tão logo ele se desvincilhe do seu corpo material, ele terá essa visão se ele quiser. Toda a filosofia de Hegel é um fingimento de imortalidade, ele finge que está falando do ponto de vista de Deus. Nós não podemos falar as coisas do ponto de vista de Deus, nós podemos falar do ponto de vista da nossa própria imortalidade tão logo adquiramos esse senso de imortalidade, que é a coisa mais importante, que é a mensagem central de Jesus para nós: “*Vós sois deuses*”.

Você acha que Ele estava brincando? Usando figura de linguagem? Jesus Cristo não faz isto, tudo o que Ele disse é mortalmente sério. Quando eu li isso a primeira vez, eu não percebi nada. A segunda, eu não percebi nada. Um dia eu percebi: Epa! Ele está falando comigo. Ele não está falando comigo como se eu fosse um bichinho. Ele não está sequer me prometendo outra vida, Ele está dizendo que eu já tenho, que Ele já me deu. Eu não posso pedir para Ele uma coisa que Ele já me deu. O que Ele está dizendo é que: pouco importando qual seja o seu destino *post mortem*, o seu destino extraterrestre — quer você vá para o inferno, para o purgatório ou para o paraíso —, você é imortal, porque as alegrias do paraíso continuarão para sempre e as penas do inferno também. Então Ele pode lhe dar um inferno ou pode lhe dar um céu, mas a imortalidade Ele já deu. Por que isto não é repetido, se isto é o principal?

Você falar com um bichinho terrestre e dizer que ele tem a possibilidade de ter outra vida e tal é colocá-lo fora da realidade, é induzi-lo à ilusão de que esta história terrestre existe e forma uma totalidade, quando ela não forma totalidade nenhuma, isto aqui é um caos. Nós podemos acompanhar alguns processos históricos e que têm alguma continuidade, mas eles começam aqui e terminam ali, e a história continua em outro lugar seguindo uma linha totalmente independente. Isto quer dizer que esta dimensão chamada história da humanidade só existe na cabeça de historiador: este é um ente de razão, não é um ente verdadeiro. Mas a nossa imortalidade, esta sim é um ente verdadeiro. Nós somos substâncias dotadas de imortalidade. Não somos eternos por quê? Porque não existimos desde sempre, passamos a existir.

A partir do momento em que se perde de vista o senso de imortalidade, é quase inevitável que a dimensão da história terrestre adquira uma realidade fictícia mas convincente, e que se aposte tudo daí para adiante no curso da história: o curso da história é que vai nos atender as nossas promessas. Vamos supor que fosse possível criar um paraíso na Terra mediante à ação. Você imagina que injustiça teria sido isso para com todas as gerações anteriores? Quer dizer, todos aqueles que viveram na fome, na miséria, na perseguição, na dor, no abandono, no sofrimento, esses teriam sido relegados para o inferno para sempre, e aquela geração última que teve os benefícios do paraíso terrestre desfrutaria de todos os benefícios em cima da miséria de todos os seus antepassados. Ou seja, se fosse possível organizar a justiça terrestre, ela seria a coisa mais injusta que já existiu no mundo. Então este é um dos motivos pelos quais a revolução não pode ser realizada, ela só pode empurrar com a barriga. A revolução é, por natureza, a promessa auto-adiável.

Qualquer proposta específica que seja apresentada por grupos que acreditam na promessa auto-adiável, ela deve ser rejeitada não porque ela seja má, mas porque os seus porta-vozes são maus. Então é por isso que eu digo que combater o movimento revolucionário não é combater idéias e não é combater propostas políticas, é combater pessoas. Pessoas más, pessoas que se arrogam uma autoridade que não tem, pessoas que querem fazer de nós os instrumentos para a realização de uma coisa que ele sabe que não pode realizar. Pessoas de verdade sendo esmagadas, torturadas e mortas por uma quimera que sabe que é quimera. Então a proposta revolucionária é demoníaca em si e ela não pode ser combatida nem aos pedaços. Se o sujeito disser “ah,

estou aqui promovendo uma campanha contra o casamento gay, ou uma campanha contra os impostos, ou uma campanha contra o Obama”, você está errado porque você está combatendo pontos específicos. Se você adere a um ponto específico ou o combate, você está errado nos dois casos porque toda e qualquer proposta política, social, cultural pode ter seu lado bom e o seu lado mal. O problema não é a proposta, o problema é quem está por trás dela, o problema é quem vai ganhar poder com ela. Então o movimento revolucionário tem de ser rejeitado *in totum*, tem de ser extirpado da história.

Note bem, a extinção do movimento revolucionário não é uma proposta positiva, é apenas uma proposta negativa. É mais ou menos assim como, por exemplo, você ver um sujeito tentando estuprar uma menininha de 03 anos e você vai lá e impede que ele faça isto: você não tem nenhuma proposta positiva, você está apenas impedindo que um mal se consume. No presente momento, qualquer proposta positiva que você apresente, toda e qualquer proposta por mais conservadora ou liberal que pareça, pode ser aproveitada pelo movimento revolucionário como de fato é. Não há nada que o movimento revolucionário não combata hoje que ele não possa apoiar amanhã, porque o problema para ele não é o conteúdo das propostas, mas o seu encaixe dentro do movimento. Estão compreendendo como funciona o negócio? O movimento revolucionário só será extinto se, primeiro, as pessoas tomarem consciência de que ele existe e de que ele é o mal. E, segundo, as pessoas tomarem consciência de imortalidade para saber qual é a verdadeira escala da história humana porque se você não tem a escala verdadeira, como é que você vai denunciar a falsa? Você não tem um terreno onde se apoiar. Quer dizer, se você é contra este ou aquele ponto da mentalidade revolucionária, mas a sua escala de tempo é a do movimento revolucionário, você está servindo a ele.

Isto é uma coisa que vocês vão ter de entender, porque toda e qualquer atividade intelectual que não venha com a clara consciência desses pontos, ela servirá ao movimento revolucionário. Pode se opor a ele num ponto ou no outro, mas entra dentro da escala histórica. O que você tem a opor ao movimento revolucionário? É dizer: “Eu não sou um *momentum* da consciência histórica, eu não sou um *momentum* do sonho revolucionário, eu sou um deus”. Quem disse? “Jesus Cristo disse. Eu sou uma alma imortal, eu duro mais do que tudo isso. Toda essa sua maravilhosa mutação histórica para mim é um piscar de olhos, é um *momentum*, é assim: aquele mosquitinho batendo asa, é a vida de um mosquito vinte e quatro horas. Então nós desprezamos o seu movimento revolucionário porque ele é mesquinho, ele tem uma visão pequena das coisas. Ele finge grandeza depois de já ter descido na escala abaixo de mosquito. Vocês rejeitam a sua condição de deus e querem que eu me integre nesse pseudo-deus chamado história [1:10], chamado processo histórico, nessa porcaria que não existe, que é um ídolo nem de pé de barro, ele é inteirinho de barro?”. É isto que nós temos de ter consciência.

O problema não é, Beto Moraes, o que os revolucionários possam fazer contra nós. O problema é o que nós podemos fazer contra nós, se não tivermos a consciência clara de que tudo o que nós estamos fazendo é um confronto entre eternidade e pseudo-eternidade. Se não tiver isto, você não vai conseguir fazer nada. Agora, se você compreender isto claramente, o desprezo que você vai

ter por essa gente é tão grande, tão grande que você evitará o pior dos erros, o mais letal dos erros, tanto na vida intelectual, quanto na vida política, quanto na sua própria vida pessoal. O erro é o seguinte: você vê que os revolucionários não hesitam em cometer, em nome da sua revolução, explicitamente ou implicitamente, toda sorte de transgressões; e não só cometem as transgressões, como as exibem. Por exemplo, agora está aí o MST: invade terra, toca fogo em tudo, não obedece as sentenças de reintegração de posse e ainda pega dinheiro do governo sem existir como entidade legal, então é um corpo de transgressões. Por que eles fazem isso? Eles não poderiam obter tudo de uma maneira mais simples, por exemplo, registrando-se e reivindicando verbas do governo? Por que eles fazem questão de fazer a coisa fora da lei? É porque isso lhes dá autoridade.

Na Idade Média, existia um negócio chamado “ordálio”. Ordálio é um duelo no qual o vencedor não é porque ele venceu que a tese dele fica comprovada. Ninguém acreditava evidentemente que pelo simples fato de você conseguir vencer o seu adversário, você provou que tinha razão, mas o adversário podia desafiar você para isto. Quer dizer, a vitória não era uma prova, mas a disposição de lutar e morrer era uma prova. Se desafiado. Suponha, por exemplo, que você tem dois partidos lutando, um partido é a favor de um papa, o outro é a favor do anti-papa, você não sabe quem é o papa, quem é o anti-papa. Um cavaleiro adepto de um dos papas desafia você para um duelo, e você diz: “Não, eu não vou duelar porque isso é derramamento de sangue, mas se você quiser, eu apresento todas as minhas razões, eu argumento com você”. Ele ria na sua cara, consideraria aquilo uma prova imediata de que você estava mentindo. Por quê? Se você faz questão de apresentar a sua tese, de defender a sua causa exclusivamente dentro das vias normais e admitidas, você está provando lealdade ao sistema, e não à veracidade da sua tese. Você está colocando o sistema presente, que é o sistema que inclusive privilegia o outro lado, como algo mais valioso do que a sua tese. Então eu digo: qualquer causa que não possa ser defendida mediante transgressão não vale nada. Vocês entendem porque que no programa eu xingo as pessoas? Porque se a minha causa não vale nem o suficiente para eu cometer uma impolidez, então não vale nada. O pessoal revolucionário sabe disso desde que existe a revolução, e o pessoal conservador, religioso etc. não sabe.

Veja, por que no Concílio Vaticano II, quando aqueles camaradas obviamente comprometidos com a causa comunista e alguns até com organizações satanistas comprovadamente — o Cardeal Suenens, da Suécia, hoje se sabe que participava de ritos satânicos, meu Deus do céu —, por que quando esses óbvios comunistas e satanistas apresentavam aquelas reformas acintosas, que era para desmoralizar a própria Igreja, por que o outro lado não reagia? Porque respeitava a ordem. E a ordem naquele momento estava favorecendo quem? Quem tinha mais iniciativa. Então, por exemplo, quando o Cardeal Otavianni fez o seu exame perfeito, maravilhoso, irresponsável do novo ritual da missa, provando que ali tinha pelo menos vinte heresias no meio, deram dez minutos para ele falar e depois desligaram o microfone, e ele baixou a cabeça. Ao fazer isto, o que ele provou? Ele provou que estava escandalizado com o novo rito da missa, mas que ele respeitava mais a ordem no recinto conciliar do que a missa de São Pio X, São Pio V. Então ele deu a vitória não por intenção, é claro,

mas simplesmente por não compreender do que se tratava. Eu lhes digo o que era preciso fazer: era preciso subir ao trono papal e dar dois tapas na cara de Paulo VI. Inimigos da Igreja fizeram isso uma vez, deram dois tapas na cara do Papa, o Papa morreu quinze dias depois —morreu de raiva sem poder fazer nada. Era isto que este homem merecia. Se fizesse isto, você teria feito uma enorme transgressão, mas você diria: “A Igreja eterna é infinitamente mais respeitável do que você. Eu não vou respeitar você porque, se eu for respeitar você, eu estou desrespeitando a Igreja; não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo”. Era muito simples fazer isso. Para impor as suas propostas — que eram nitidamente revolucionárias, por quê? Porque elas visavam justamente a criar a situação caótica que veio depois e dar, portanto, motivo a novas exigências revolucionárias que não terminar nunca —, este lado cometeu todas as transgressões para impedir: ela roubou papéis, impediu gente de falar, ou seja, transgrediu todas as regras do Concílio, e o lado conservador não transgrediu nenhuma. Então as regras do Concílio estavam acima dos valores que eles estavam defendendo, estavam acima da própria Igreja, estavam acima da própria palavra de Jesus Cristo. Todos traíram: uns traíram por consciência e outros traíram porque não tiveram a coragem de transgredir os mandamentos de polidez, as regras burocráticas, para defender o que era sagrado. Este é o problema com todos os conservadores e liberais do mundo.

De minha parte, eu já decidi: eu não vou respeitar regra nenhuma, sobretudo as regras de polidez. Eu só não vou transgredir as regras que eu não tenha força para transgredir, que estejam muito acima da minha capacidade, mas aquelas que for preciso transgredir, eu tenho a obrigação de transgredir. Por que eu devo chamar um político ladrão, corrupto, mentiroso, vagabundo, de excelência? Você pode chamar de excelência, mas sempre acrescentado “eu me refiro a excelência do seu cargo, e não da sua pessoa que não vale nada”. É só acrescentar isto. Eu já dei o exemplo de quando eu estava debatendo com dois senadores petistas na TV Gaúcha e eu falei lá umas coisas do Olívio Dutra, e eles disseram: “Mas o senhor está desrespeitando o nosso governador!” Mas a minha resposta foi muito simples: Mas eu não o respeito mesmo, porque eu não posso respeitar a ele e a mim ao mesmo tempo, eu não consigo. Porque o homem deu uma entrevista dizendo que, aos vinte anos de idade, ele era campeão de masturbação. Se ele fosse campeão de masturbação aos treze, aos quatorze e contasse isso assim como quem está rindo [1:20] da sua estupidez de juventude, falando “você vê, eu era tão idiota que fazia campeonato de masturbação quando moleque” — que nem aqueles do filme “Amarcord”, os meninos lá dentro do carro, que eram meninos de 11-12 anos —, tudo bem, então você está comentando a sua ingenuidade juvenil. Mas não, ele estava se gabando, ele tinha orgulho daquilo. Eu digo: Vocês põem esse cara no governo e querem que eu respeite? Mas não vou respeitar nunca na minha vida, nunca, porque isto é a antítese, a negação do conceito mesmo de respeito. O perigo que nós corremos não é de esse pessoal fazer alguma coisa contra nós, eles não vão fazer nada. O perigo é a gente cair na conversa deles e achar que estamos fazendo coisa maravilhosa porque “ah, aqui nós estamos fazendo uma campanha contra o aborto, contra o casamento gay”. Continua seguindo a regra do jogo que eles mesmos já transgrediram milhões de vezes. Ao fazer isso, você está provando que a regra do jogo para você está acima do

valor que você defende. Agora, se você é cristão, não tem no mundo decreto administrativo que esteja acima da palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo, e você tem de provar isto para as pessoas senão você nunca terá autoridade para falar, nunca terá força.

As transgressões que o movimento revolucionário comete umas atrás das outras não visam a obter este ou aquele resultado. Por exemplo, o Vittorio Mathieu, no livro dele *La Speranza nella rivoluzione*, diz: “Você quer uma coisa mais inútil do que greve estudantil? A coisa mais fácil do mundo é você parar uma universidade, a universidade já tende por si mesma a não funcionar”. Por que eles fazem isso? Tem vários motivos, o primeiro dos quais é este: a afirmação da sua autoridade. “Nós acreditamos tanto naquilo que nós estamos falando, que nós cometemos até transgressões. Nenhuma regra é superior a nossa crença”. É isto o que vocês têm de fazer. Porém, para fazer isso, precisa usar a cabeça. Nós temos de inaugurar uma modalidade de vida intelectual que seja, pelo seu conteúdo, muito superior ao que este pessoal está fazendo; que seja, pelo seu horizonte de visão, infinitamente mais amplo do que a deles; e que seja, na sua modalidade de expressão, carregada de desprezo e de falta de respeito por tudo quanto não merece respeito. Se nós fizermos isso, nós estaremos inaugurando não somente uma nova possibilidade no próprio Brasil, mas estamos dando uma contribuição ao mundo, porque disto aqui ninguém sabe. O próprio Vittorio Mathieu que dá muitas dessas sugestões, eu li o livro dele e falei: “Pô, mas ele percebeu tanta coisa, por que ele não chegou a pegar mesmo o negócio da mentalidade revolucionária neste sentido? Ele não pegou porque ele usou o método de Hegel, que Hegel criou na *Fenomenologia do Espírito*, que é a de você tentar captar o significado histórico objetivo dos vários acontecimentos. Ora, significado histórico objetivo só Deus sabe. E você captar o significado histórico objetivo do que quer que seja supõe que a história acabou e você está vendo o conjunto. Por quê? É claro que acontecimentos novos podem mudar retroativamente o peso deste ou daquele elemento na balança, coisas que lhe parecem muito importantes amanhã ou depois podem se mostrar irrelevantes. Graças a ter escolhido este método — que tem lá a sua dignidade intelectual, não nego que seja uma grande realização de Hegel —, ele chega a captar muita coisa do pensamento revolucionário, mas, no fim, ele tem uma atitude de respeito pela mentalidade revolucionária que é a coisa mais desprezível que o ser humano já criou. Nada, nada, nada, os piores crimes, delitos, pecados, tudo o que se fez em Sodoma e Gomorra é porcaria perto do que a mentalidade revolucionária tem feito. É só somar o número de mortos que você vê que não tem desculpa. Agora, na hora que eles aceitam matar 200 ou 300 milhões de pessoas, o que eles estão provando? Que a idéia deles é superior a própria existência física da humanidade, e isto dá um prestígio desgraçado. É a autoridade do louco, a autoridade do sociopata, que não tem medida para a sua capacidade de mentir, de transgredir etc, etc, e por isso mesmo se impõe aos outros. Porém, eu vou lhes contar uma cena que eu vi num hospital psiquiátrico. Não sei se eu já contei isso aqui para vocês, acho que contei na aula passada: um novo interno chegou, quebrou uma garrafa, com um olhar ameaçador ele dizia: “Quem vai entrar?”. Todo mundo ficou apavorado. Daqui a pouco veio um médico de 1,20m com uma injeção na mão e disse: “Não faça isso, meu filho,

senão a gente fica com medo. Vira a bundinha aí”, e aplicou a injeção, o cara dormiu. É assim que tem de tratar essa gente.

Espero com isso ter respondido aí a sua pergunta. Então nós invertemos a coisa. Vamos fazer uma pausa, daqui a pouco voltamos.

Vamos retomar aqui. Hoje as perguntas estão tão maravilhosas, tão importantes, que eu vou respondê-las e nós só vamos continuar com o texto do Scavino na próxima aula.

Aluno: Um dos problemas que me vem à mente diante do falado na aula é este: qual é a natureza das proposições filosóficas? Não são proposições descritivas como as das ciências naturais. Se é descritiva de outra forma, eu não sei. E nem é pura metáfora poética. O que é então? Uma forma poética para apontar as realidades supra-sensíveis?

Olavo: A resposta é muito simples. A filosofia não é um discurso, a filosofia é uma atividade cognitiva e existencial desenvolvida por pessoas reais que, para expressar e comunicar algo do que perceberam e descobriram ao longo do caminho, se utilizam de todos os discursos possíveis. Em geral, a forma mais usada é um discurso dialético que deve chegar as proposições que, em última análise, se tornaram científicas, mas isso não é necessário. Ou seja, o modo de exposição da filosofia não expressa a natureza da filosofia. Platão frequentemente começa com um discurso dialético, de vez em quando faz umas demonstrações lógico-matemáticas e termina com um mito; quer dizer, ele percorreu praticamente toda a gama dos quatro discursos. Então esta pergunta não tem resposta justamente por isto: as proposições filosóficas não são a filosofia, a filosofia é a atividade cognitiva, existencial, moral e pedagógica desenvolvida pelos filósofos. O termo final de uma filosofia não é uma doutrina escrita, é uma pessoa, é a criação da pessoa do filósofo: um indivíduo capaz de absorver o legado e prosseguir-lo. Então, neste sentido, a filosofia é eminentemente uma pedagogia, uma direção da alma, e o produto escrito é apenas um fragmento disto.

Você veja que o fato de que dos três fundadores da filosofia: Sócrates, Platão e Aristóteles, o primeiro não deixou nada escrito; do segundo só sobrou a parte externa, ficou faltando a parte chamada esotérica ou interna — que é a mais importante e que mais ou menos o Giovanni Reale e o Mário Ferreira dos Santos reconstituem na base da hipótese —, e de Aristóteles só nos sobrou 1/3 dos textos. Eu acho este fato eminentemente simbólico de que a expressão escrita da filosofia é necessariamente deficiente. Se não existe uma multidão de percepções inexpressáveis que acompanham o aprendizado da filosofia, não há filosofia alguma. [1:30] Acontece que no mundo moderno se criou uma espécie de idolatria do texto e até de idolatria da linguagem. Veja que toda esta linha de desenvolvimento que a gente veio estudando: Wittgenstein, Derrida, Richard Rorty, Saussure, Heidegger etc., todos eles têm uma espécie de fetiche pela linguagem. Chegam a achar que a linguagem é o verdadeiro mundo, quando a existência do mundo é um pressuposto da linguagem. Ninguém nasce sabendo falar, nem escrever. Então você tem uma experiência pré-lingüística que já é a imersão total no universo real onde você está. A partir

do momento que você nasceu, você não está defendido contra nenhum aspecto do real, e os aspectos que a sua linguagem por mais que você aprenda, vá abranger, são mínimos.

A simples existência da comunicação não verbal, que é um fato hoje abundantemente comprovado, acaba com todas essas filosofias: Wittgenstein, Heidegger não têm nada a dizer — isso é tudo vazio, é tudo uma bobajada. O prestígio filosófico desses indivíduos é totalmente indevido, causado apenas por certa destreza retórica que eles têm. Para quem gosta de demonstrações de força: “Olha como eu sei raciocinar bonito!” eles mostram isso; mas o problema não é raciocinar, é conhecer. O problema é saber alguma coisa mesmo que você não saiba raciocinar direito; é um problema de percepção e não de raciocínio.

O que estes indivíduos fazem é tornar a linguagem humana numa coisa assim tão imensa que não sobra um pinga de realidade fora da linguagem, que basta um experimento de neurolinguística e tudo isso vai para o brejo. A Programação Neurolinguística prova que se nós não compartilhamos percepções, informações e sensações do universo físico real, não há linguagem que funcione. Então a linguagem continua sendo uma “titica de galinha” dentro do universo real e não esta coisa onipotente que eles estão vendo. Na medida em que eles idolatram a linguagem, eles cortam a comunicação entre a linguagem e a percepção real do mundo porque eles esperam — mas isto é uma coisa de jumento — encontrar na própria linguagem um nexa entre linguagem e realidade. Mas não é possível isso. Este nexa não se dá dentro da linguagem, ele se dá dentro do mundo real. É no mundo real e não na linguagem que existe a conexão de linguagem e realidade. Como eles procuram encontrar na própria linguagem e evidentemente não encontram, então começam a fantasiar e daqui a pouco só enxergam realidade e daí a pouco não enxergam mais nada.

Por exemplo, quando eles se referem ao conhecimento pré-científico, pré-filosófico, eles sempre dizem que se constituem de um senso comum e o senso comum é uma herança cultural. Como herança cultural? Se um bebê nasceu a primeira coisa que ele recebe é uma herança cultural? A primeira respirada é uma herança cultural ou é a presença maciça de uma realidade física? Como é possível? É claro que do senso comum, aquilo tudo que as pessoas percebem sem poder expressar, existem muitos elementos que são de origem cultural, mas eles só vêm entrando de pouquinho. A absorção da herança cultural pressupõe: primeiro, o aprendizado da linguagem, que não é instantâneo, que leva anos e que não poderia se desenrolar sem a presença física dos sinais. As palavras nos chegam através do ar, são vibrações sonoras. Isso é uma presença física e só aos poucos aquelas presenças físicas serão usadas como sinais de outras coisas, mas é claro que estas outras coisas não estão nem dentro dos sinais, nem dentro do sistema total da linguagem.

Eu já dei o exemplo: você entra no supermercado e pede uma salsicha, como é possível linguisticamente tornar presente uma salsicha? De acordo com o Saussure o sentido de uma palavra é apenas a diferença entre ela e todas as

outras. Mas isso é suficiente para que uma palavra possa significar algo para alguma pessoa real? Não, é necessário que haja um objeto.

Outra coisa: esses camaradas são tão loucos que eles acham que a linguagem cria a presença do objeto, quando a presença deste objeto é a condição *sine qua non* para que se possa falar dele. Então Santo Agostinho deve ter razão, porque ele diz que ele aprendeu a linguagem aprendendo primeiro o nome das coisas e as relações entre palavras aprendeu depois. Se ele não tivesse a capacidade de articular, de relacionar objetos entre si, como ele poderia relacionar as palavras que os designam? Por exemplo, se um indivíduo não tem a sensação física do em cima e embaixo, como é que ele pode aprender a palavra sobre? Ele não pode. Ele tem de ter a experiência pré-lingüística do em cima e embaixo, senão ele não vai aprender jamais.

Métodos de educação baseados nestas loucuras todas foram implantadas já no mundo inteiro e estão imbecilizando a humanidade. Quando lemos: “Pelos seus frutos os conhecereis”, eu respondo: o que vocês conseguem fazer é imbecilizar os seus leitores e cada nova fornada de filósofos vem cada vez mais imbecil. Sinceramente, oitenta por cento da filosofia de Heidegger é imbecilidade, estupidez, é coisa que não faz sentido nenhum. É uma mente presa nos seus próprios pensamentos, incapaz de julgar criticamente os pensamentos à luz da sua própria experiência mais banal. Nenhum deles é capaz de fazer isso.

Quando Wittgenstein inventou a teoria dos jogos de linguagem é porque ele próprio estava praticando um jogo de linguagem e nada mais do que isso. Como é possível que um jogo de linguagem corresponda de algum modo a alguma conduta física humana? Por exemplo, o comandante de uma tropa de um exército ordena atacar ou recuar e os caras fazem exatamente isso. Se isso é apenas um jogo de linguagem, porque as pessoas agem em função daquilo? Se você considerar somente as palavras e o correspondente delas no pensamento humano, será um jogo de linguagem, evidentemente. Mas acontece que a correspondência não para no pensamento humano, ela se prolonga em ações reais das quais podem depender a vida e a morte do sujeito. Se a palavra atacar ou recuar não correspondesse a nada fora do jogo de linguagem, seria impossível obedecer à ordem. O jogo de linguagem se esgotaria em si mesmo. A existência de jogos de linguagem — eu não nego a existência — prova que existe alguma correspondência entre as palavras e as coisas. Sem esta correspondência seria impossível haver jogo de linguagem. A idéia: “A palavra não representa uma coisa, ela representa um pensamento”, mas como ela poderia representar um pensamento sem a presença da coisa? Um sujeito me fala salsicha e eu entendo apenas a minha idéia de salsicha e como esta idéia; passo em uma idéia de mostarda, enfio dentro de uma idéia de pão e como. A ignorância destas pessoas em relação à vida física, a mim, me mostra que [1:40] viveram dentro de comunidades universitárias onde só o que existia era linguagem, jogos de linguagem, evidentemente. As pessoas não estavam lá para bater uma nas outras, para competir fisicamente, construir uma casa; elas estavam lá só falando e falando e vivendo nisso o tempo todo.

Quando você pega um desses sujeitos e joga numa frente de batalha, como aconteceu com Franz Rosenzweig, ele pergunta: “agora para que me serve toda aquela filosofia que eu aprendi na universidade, aquilo é tudo um blá blá blá”. Ele vê que os filósofos não disseram nada, mas Moisés disse alguma coisa. Tudo isso é tremendamente oco e frívolo, é duma frivolidade absurda, porque são coisas que o sujeito pode falar, mas ele não pode viver segundo isso nem dois minutos; ninguém consegue. Começa com a paralaxe cognitiva e termina no caos semântico total — a total destruição da linguagem humana. Tanto idolatram a linguagem que acabam com ela. Por isso precisamos restaurar a idéia — que era a dos filósofos gregos — de que a filosofia é uma atividade humana, de indivíduos humanos, cujo propósito não é gerar doutrinas, não é gerar teorias, é qualificar pessoas para o conhecimento e para — como diz Platão: “Verdade conhecida é verdade obedecida.” — existir segundo aquilo que sabe: à medida que vai sabendo aquilo vai modificando você e você vai se instalando numa realidade cada vez mais abrangente.

Aluno: Vou tentar resumir. Estou tendo dificuldade com o tema alma imortal, talvez por minha falta de concentração agravada no atual momento da minha vida. Você pode dar dicas práticas para nos ajudar nos exercícios de percepção e constatação da alma imortal?

Olavo: O exercício é muito simples. Por baixo de todo fluxo de pensamentos, sensações e recordações que você tem, existe um sentimento do eu. O sentimento de que você é você, de que você existe. Este sentimento é o mesmo desde que você nasceu, até agora. Se você se lembrar quando você era menininho, você sentia isso, e agora você sente exatamente a mesma coisa. Isso está por baixo dos sentimentos, é como se fosse um movimento permanente e calmo que está por baixo de toda a agitação e mutação dos sentimentos. Se não existisse este fundo de identidade, os seus pensamentos comeriam a sua identidade e você teria apenas estados, mas você não poderia saber que você tem estados, porque quando aparece um novo estado mental ele apaga o anterior e você não sabe que você é o mesmo.

Quando Descartes diz o famoso: “Penso, logo existo”, ele fez um trânsito: ele diz que aquele que está pensando é o mesmo que existe — de fato é, eles são o mesmo num momento atomístico do tempo —, mas enquanto ele está pensando: “Penso, logo existo” este eu continua o mesmo, então, eu não tenho outra maneira de descrever senão dizer que é um sentimento que você tem, só que este sentimento é o que unifica tudo o que você pensa, sente, concebe, imagina, recorda etc. E é exatamente este eu que num estado de morte clínica, sobrevive, pervive, sente, sabe e entende, aliás entende até mais do que entende agora. Então é só você lembrar disso aí. Você deixe os pensamentos continuarem fluido, lembre-se de você mesmo e sinta este fundo permanente que tem.

E isso também responde a outra pergunta do Xavier Peixoto.

Aluno: Poderia comentar a frase: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás teu senhor”?

Olavo: É isto: a hora que você entender que você é esta identidade permanente que abrange e transcende o seu ser físico, a experiência seguinte é você perceber que este eu que existe, que transcende a sua existência física, que não termina, não tem fundamento. Ele não é capaz de se criar a si mesmo, ele não tem uma razão suficiente para existir e ele está sendo mantido na existência por algo que o deseja, é uma vontade. Você vai sentir isso muito claramente: algo quer que eu exista e quer que eu exista eternamente. É este algo que a gente chama de Deus, mas não adiante você querer passar para a segunda etapa da falta de fundamento sem ter tido a primeira.

O sujeito não pode saber nada de Deus se ele não sabe que ele é imortal, não dá para saber. Como diz Miguel de Unamuno: “Se eu não fosse imortal para que Deus?” E mais ainda: “Para que o sacrifício do Cristo?” Tudo perderia o sentido. Por isso que eu digo que a mensagem central não é a do pecado, não é a da redenção; a mensagem central é vós sois deuses e porque sois deuses e estais entrando nesta confusão dos diabos é que Jesus Cristo veio aqui para fazer a redenção, senão ele não teria o que redimir.

Então primeiro tomar consciência do eu. A maioria das pessoas não a tem, deixa passar. Tem no fundo de forma inconsciente, porque se não tivesse isso elas perderiam totalmente a unidade das suas percepções. Mas elas perdem só parcialmente. Por exemplo, eu muitas vezes fiquei... por inúmeras circunstâncias e também por curiosidade minha eu sei a vida de muitas pessoas, eu li uma infinidade de biografias, ouvi muitas narrações de pessoas e mais ouvi pessoas contando suas vidas do que contei a minha. E observei muitas pessoas no curso das suas vidas e vi como frequentemente elas perdem o fio da meada. Elas começam aqui querendo uma coisa e depois de repente mudam e não sabem porque mudaram. E isto cria uma contradição interna. Esta contradição interna que a pessoa não percebe, transparece nitidamente no curso objetivo da sua vida. E aí a gente vê: aqui você fez isso, você fez esta e aquela escolha — e, como diz um conjunto de rock brasileiro: “aquilo deu nisso”. As pessoas muitas vezes perdem, mas quando elas perdem existe um desconforto interno — que elas podem projetar em mil e uma causas externas — que só passa quando a pessoa recorda o caminho percorrido e consegue emendá-lo e perceber a coerência da sua vida de novo. É claro que tendo que fazer mil arranjos a cada vez e se rearticular. Então, contar a história do eu é a base da saúde mental, contar para você mesmo sinceramente a história do eu.

Aí você já tem uma espécie de miniatura do senso de imortalidade, porque você só é capaz de contar com sinceridade a história do eu perante o observador onisciente. Enquanto você conta para pessoas ou para platéias humanas, você sempre pode contar um pedaço para uma parte, um pedaço para outro — aliás nós fazemos isso, necessariamente —, mas quando você tem a consciência de estar contando a sua vida os seus feitos para um observador onisciente, que conhece você melhor que você mesmo, então aí você emenda os pedaços com uma facilidade tremenda, desde que você queira realmente emendar os pedaços. Se você quer se esconder de você mesmo, então a confissão interior se torna uma coisa dolorosa, mas depois que você

entendeu como funciona a coisa, se torna um negócio maravilhoso porque é automaticamente libertador.

[1:50] Há também aqui uma pergunta que está relacionada com isso.

Aluno: O senhor poderia me dar uma luz a respeito do que é um fato?

Olavo: Fato vem do latim factum, aquilo que foi feito, e a característica principal do que foi feito é que aquilo já não depende de você, não há nada que você possa fazer contra aquilo. Você pode criar, fazer uma outra coisa em seguida, mas você não pode desfazer o que foi feito. Então esta imposição do passado é um fato. Por exemplo, agora eu estou pensando uma coisa e daqui a pouco podemos pensar outra, mas nós não podemos retroagir e dispensar no tempo o que foi pensado. Fato é aquilo que vem junto com a passagem do tempo e tempo é a medida das mudanças de estado de coisas. Dito de outro modo: fato é aquilo que você não pode modificar de maneira alguma. É uma das experiências mais importantes.

No começo deste curso, muito antes de eu entrar no tema da imortalidade, essa coisa toda, eu sugeri o exercício da aceitação do fato. Por exemplo, você deita no chão e sinta o chão embaixo de você, sinta a densidade da matéria planetária que está te sustentando. Você consegue imaginar, sentir aquilo até certo ponto, depois aquilo se desfaz; mas para além do horizonte do que você sentiu, você sabe que tem mais coisa. Esta aqui é a regra número um da teoria do conhecimento: todos nós sabemos sempre e sempre que a realidade vai para além do nosso horizonte de percepção do momento. Sempre soubemos disso. Não houve nem um momento, nunca na sua vida, em que você fosse tão burro de imaginar que aquilo que você está pensando, sentindo, observando agora, é tudo. Por que você sabe disso? Porque a todo momento estão entrando novos elementos que vêm de além do seu horizonte.

Por exemplo, você imagina que existe só o quarto em que você está; daqui a pouco entra uma pessoa: de onde ela veio? Para você conceber que o seu horizonte de consciência é o todo, seria necessário você conceber a hipótese de que ele é capaz de gerar elementos novos do nada, mas se você tivesse esta capacidade, então você teria a capacidade de fazer existir tudo o que você pensa e você sabe que você não tem; você verifica isso por experiência: você imagina um elefante no meio da sala e nem por isso ele aparece, mas de repente abre a porta e vê uma pessoa que não estava ali. Nunca ninguém foi tão burro ao ponto de pensar que o horizonte do real termina onde termina a sua própria percepção. E a presença do inacessível é a base da confiança que nós temos no nosso próprio horizonte de percepção. Isso é uma coisa que um bebê sabe. Por exemplo, se um bebê acha que toda a vez que a sua mãe não está perto dele, ela cessou de existir, ele entraria em terror, pânico, mas ele não entra. Às vezes ele está lá sozinho e ele fica quietinho.

O método da aceitação e da confissão de realidade — que implica você ter esta prática de ampliar o horizonte, para os lados, para cima, para baixo e no tempo — vai te dando uma noção do que é um fato. Você não pode negar que você está em cima de um chão e que, pelo menos em relação a você, este chão é

fixo, ele te sustenta. Noções astronômicas aqui não nos resolvem nada: “Não, mas é um planeta que está girando no espaço...”. Pode ser, sob certo aspecto. É porque você está supondo que o ponto de vista de um satélite que está afastado milhares de quilômetros é mais válido do que o seu, mas como diz Edmund Husserl: “A Terra como planeta, ela se move; a Terra como morada nossa, ela não se move”. São só dois pontos de vista. A mobilidade da Terra no espaço não modifica em nada da imobilidade dela perante os corpos que ela sustenta e é desta imobilidade que você pode ter a experiência. Este foi um método que eu chamei: a contemplação amorosa, onde você não apenas aceita o fato, mas você quer que ele seja do jeito que ele é, você deixa que ele fale, você deixa que ele se apresente. A partir daí, com este exercício, você vai desenvolvendo o senso da densidade do mundo dos acidentes. Qualquer acontecimento, por mínimo que seja, para existir supõe uma quantidade ilimitada de acidentes, ou seja, aquilo que você pensa sobre o fato lida apenas com algumas essências e algumas propriedades e com um ou dois acidentes, mas quando você pára para examinar, você que por trás disso existem milhares de fatores acidentais, que, se não estivessem ali, o fato não sucederia. Você não precisa fazer um esforço para imaginar estes aspectos, você apenas tem de dissolver o foco de atenção que você colocou nas essências de propriedade — você sabe que ela está lá, mas deixe que o que está em volta apareça também — você vai ver que a densidade ilimitada da faixa de acidentes é uma condição para aquilo que nós chamamos realidade. Basta você fazer isso que você já entende que esta onipotência da linguagem que estes caras estão falando não existe.

Este foi um dos primeiro exercícios que eu passei aqui. Agora, no caso do exercício da imortalidade, a percepção é de uma coisa mais sutil que não está no mundo físico, que o físico por si não vai te informar. É uma tomada de consciência da sua presença como consciência. E sobretudo consiste em você notar — como os seus estados psíquicos mudaram e até vários traços que você chama a sua personalidade mudaram — aonde se operou a mudança? Por que uma substância se chama substância? Por que é aquilo que está embaixo: *sub stare* — aquilo que está abaixo das mudanças é você. Assim que você toma consciência desta permanência do verdadeiro eu por debaixo de milhares de pseudo-eus ou pseudo-estados etc., tão logo você toma consciência dela e você está ali entusiasmado com isso, daí você percebe que este eu está como que no ar, não no sentido físico, evidentemente, mas no sentido existencial. Então você vê que você está presente, que a sua presença vai para além do universo das suas percepções físicas, porque como você poderia perceber, por exemplo, a continuidade do seu eu no tempo se fisicamente você só tem as informações instantâneas do momento presente? E mesmo se você contasse com toda a sua memória, a sua memória só te dá fragmentos, você não consegue lembrar a sua vida inteira. [2:00]

Você lembra um pedaço aqui, um pedaço acolá, mas você sabe que isto tudo aconteceu com quem? Com você. Portanto você não está identificado com nenhuma destas percepções em particular; existe uma substância por baixo delas (ela não é acessível) que não é um pensamento, ela é acessível mediante o sentimento da continuidade do eu. Se você não tivesse este sentimento,

todas as suas percepções explodiriam num caleidoscópio de fragmentos que você nunca poderia juntar.

Tão logo você toma consciência deste sentimento de eu que está por baixo — você pode comparar isso a uma melodia que continua por baixo de todas as variações que os nossos vários estados têm —, tão logo você toma posse disso, a experiência quase que inevitável, em seguida, é você perguntar: “Eu existo, mas da onde que eu existo?” “Porque que eu existo?” “Qual é o fundamento disso?” e você vê que não há fundamento. Você pode procurar o quanto queira, você não está se fazendo. Você pode fazer as suas ações, mas você não pode fazer você mesmo. Você pode construir até a sua personalidade, mas o eu que está por baixo dela e que continua por baixo das várias formações sucessivas da sua personalidade — seja quando você piora, ou você melhora, você aprende ou desaprende —, este eu sempre esteve aí desde que você nasceu, e se ele não estivesse não seria nem possível você mudar, porque você não saberia que mudou. Não haveria sujeito, não só um sujeito cognitivo no sentido cartesiano; é muito mais do que isso, porque você é o eu não só quando você pensa que existe, você é o eu quando você pensa, quando você sente, quando você dorme. Note bem, você dorme confiando que, quando você acordar amanhã, você será a mesma pessoa e você é mesmo. Então não é o “Penso, logo existo”; para eu pensar, eu preciso ter existido antes de pensar. E se eu não tivesse este sentimento de eu, não adiantaria nem as pessoas me darem um nome, porque eu não saberia que é comigo. O eu não pode ser uma carapaça vestida em você pela sociedade. A sociedade tem de ter algo no qual vestir e este algo não pode ser uma mera presença física, porque o que você está chamando de Antônio, Zezinho, João etc., não é um corpo, decididamente não é um corpo, é o corpo e tudo o mais que está envolvido naquela pessoa.

Estas duas experiências se seguem uma a outra. Primeiro, o sentimento do eu. Para isso você precisa deixar que os seus pensamentos continuem fluindo e perceber o que continua por baixo deles. Não como idéia, não como pensamento, mas como presença real. Você sabe que os seus pensamentos são apenas pensados, foi você que os produziu, mas você sabe que a sua presença não foi você que produziu, você não poderia produzi-la. Os seus pensamentos você pode pensar uma vez, duas vezes, pode parar de pensar, pensar outra coisa etc., mas quem está mexendo toda esta máquina? Não pode ser o seu corpo, porque o seu corpo já mudou milhões de vezes e, aliás, todas as sensações que ele tem são fragmentárias. Quem unifica as sensações, quem unifica os pensamentos? É isto que se chama o eu. A hora que você sente a sua existência intensamente, ato seguinte você percebe que isso não faz o menor sentido; que você está no ar, que você não é fundamento de si mesmo. Então você vê que, penetrando mais fundo dentro daquele eu, tem algo que transcende você e que está te gerando e te mantendo na existência e está te mantendo como criatura imortal, como criatura eterna. É esta a experiência.

Talvez possamos dar mais dicas a respeito mais tarde, inclusive eu estou planejando aqui de 11 a 16 de outubro, um curso exatamente sobre isso: *A Consciência de Imortalidade* que será dado aqui em Colonial Heights, mas de

maneira não sistemática eu vou dando dicas aqui dentro deste curso à medida que as coisas aparecem e novas explicações vão se mostrando necessárias.

Mudando completamente.

Aluno: Há três semanas te enviei uma pergunta a respeito da bibliografia sobre a formação de militantes. Assim no True Oustpeak do dia 26 você respondeu falando dos livros de Saul Alinsky e das estratégias de infiltração de Antonio Gramsci. No entanto, na aula passada você comentou a mensagem de Luís Alberto Pereira, “Quero ser processado pelo PT”, dizendo que nós devemos ser o navegador e não o piloto e que se desviarmos a atenção para estas motivações políticas estaremos jogando pelo ralo os objetivos do COF. (...)

Olavo: É claro. Para haver alguma política que preste, você precisa ter criado uma base intelectual e cultural muito sólida durante muito tempo, e se nós desistirmos disso agora, e tentarmos fazer política, isso aí é como se fosse ejaculação precoce.

Aluno: (...) Todavia, pensando nisso vi a possibilidade de fazer estudos estratégicos e a partir disso montar apostilas e cursos para ministrar às classes empresariais, aos produtores rurais etc., projeto para daqui a dez anos e na aula de hoje o senhor mencionou o objetivo de acabar com o movimento revolucionário. Assim, deveríamos montar um núcleo de estudos estratégicos?

Olavo: Deveria montar ontem, Jaime. Eu tentei fazer isso no ano de 2004 com um negócio que nós chamamos de Centro Estudos Ibn Khaldun, inspirados na figura do grande historiador e filósofo tunisino, Ibn Khaldun, que foi o primeiro sujeito que, a meu ver, conseguiu ter uma visão global da história onde se articulavam todos os fatores, inclusive fatores de ordem divina, desde o divino até a economia, a técnica, etc. — não digo que ele tenha conseguido fazer isso completamente, mas foi o primeiro que se aproximou disso. Conseguimos uma verba de um empresário para reunir doze estudiosos que mensalmente se reuniam. A idéia era apenas mapear o movimento revolucionário na América Latina, veja isso. Cada um saía de lá com uma série de perguntas para investigar, responder e trazer o relatório na reunião seguinte. Nós conseguimos fazer três reuniões, quando chegou na quarta reunião, acabou o dinheiro. Trazer doze pessoas das várias regiões do país custa alguma coisinha. O Foro de São Paulo consegue. A próxima reunião do Foro de São Paulo são 500 pessoas com hotel de cinco estrelas e não sei mais o quê. Aí o dinheiro não falta. Mas para fazer um pequeno núcleo de estudos estratégicos para entender o que está acontecendo não tem dinheiro e não teve até hoje; passaram-se seis anos e nada aconteceu.

O que estávamos tentando fazer na época. Tem de ser feito. Aqueles que sentem certa vocação, certo gosto por estes estudos estratégicos, que formem um grupo de estudos desde já. Comecem a formar desde já. E vão juntando documentação: bibliografia e documentos. Eu mesmo tenho aí uma bibliografia absolutamente formidável sobre o movimento revolucionário, mas ainda falta muita coisa. Se juntarmos várias pessoas, então teremos várias fontes coletoras de material. E com o tempo eu posso lhes dar uma orientação em

separado para este gênero de estudos. Aliás, eu pretendo que no último ano deste curso, cada um tenha certo domínio, certa questão que ele queira investigar, responder, para produzir um trabalho escrito que valha a pena ser publicado. Nós vamos terminar.

A última fase do curso é uma fase ativa, mas nós temos ainda três anos pela frente. Por enquanto [2:10] o que interessa é o seu fortalecimento intelectual, moral e existencial. Mediante este estudo, mediante a consciência de imortalidade etc., você tem de chegar a um ponto de simplicidade na sua estrutura de personalidade. Tudo tem de girar em torno da consciência de imortalidade e, portanto, da própria presença de Deus; tudo começa a girar em torno disso. A partir daí você está praticando já o primeiro mandamento, você está amando a Deus sobre todas as coisas. O que interessa é chegar neste ponto que é um nível ótimo de força da personalidade humana: força intelectual, moral, força de vontade etc. E ao mesmo tempo, se a sua preparação intelectual for adequada — se você for lendo as coisas que a gente está recomendando e for procurando outras coisas —, em três anos vocês vão estar muito superiores à classe intelectual existente, mas muito superior, vai ser uma superioridade imensurável.

Aí sim vocês podem entrar em campo falando com autoridade e com o devido desprezo por quem não merece respeito, mas isso implica, como dizia Nietzsche: “Quem não sabe desprezar, não sabe respeitar.” Então a gente tem de respeitar tudo o que é bom e tudo de bom que as pessoas fazem — inclusive os revolucionários: qualquer coisa, você tem de respeitar isso —, mas, às vezes, isso não quer dizer que uma pessoa que fez algo respeitável seja respeitável em tudo mais. Não. Por exemplo, uma vez eu elogiei muito o livro do Jacob Gorender, *O escravismo colonial*. O Jacob Gorender é um grande historiador, o que não quer dizer que seja uma grande pessoa; se fosse jamais teria militado no partido comunista por 50, 60 anos. Então é preciso entrar com a verdadeira escala de desprezo e respeito.

Aluno: Na aula passada o senhor traçou um paralelo entre Popper e Rorty, ressaltando que ambos terminam suas obras em um irracionalismo total e, ao mesmo tempo, num apelo à autoridade, como também acontece com Hume. Pois bem, Jürgen Habermas também termina sua obra com uma negação total do acesso à verdade em um apelo cego ao poder do peers review (...)

Olavo: Quer dizer: revisão pelos pares; é o costume acadêmico de que você publica algo e seus pares examinam seu trabalho e a opinião deles decide se aquilo merece atenção ou não.

Aluno: (...) já que a verdade é aquilo que o consenso do grupo dos opinadores qualificados diz que é, embasado em diálogos argumentativos e em proposições de verossimilhança. Esta teoria tem tido muita influência no pensamento jurídico. A concepção habermasiana da verdade afirma que é necessário que os juristas superem a sua visão ontológica a respeito da verdade, que seria um mito, em favor de efetividade do processo que trabalha com verossimilhança. Assim a função das provas não é esclarecer como aconteceram os fatos narrados no processo, mas simplesmente convencer o

juiz. Enfim, será que a impugnação levantada por Thomas Reid contra a obra de Hume é aplicável a Habermas, Rorty e similares? (...)

Olavo: Perfeitamente, Reid é um filósofo escocês cuja obra é de enorme importância. Ele apelava sempre ao que chamava de senso comum — não no sentido gramsciano, nem no sentido histórico. A mera existência de um senso comum não tem como ser explicada por fatores históricos porque ela se assenta na percepção humana e se assenta, sobretudo, na comunicação não verbal. Tudo isso já estava mais ou menos no Thomas Reid.

É verdade quando um sujeito como Habermas diz: “Nós temos que superar a visão ontológica da verdade, que é um mito, em favor da efetividade do processo que trabalha com argumentação e verossimilhança”. É verdade que o processo trabalha com argumentação e verossimilhança, porém, como é que você vai saber que uma coisa que você diz que é verossímil, é verossímil realmente. Por exemplo, eu não sei quem cometeu o crime, ou não cometeu, nem se houve crime, mas eu estou tentando convencer o juiz de alguma coisa. Como eu vou saber se os meus argumentos vão ser realmente verossímeis para o juiz? Se eu não consigo saber nem o fato de ordem material — isto é, se houve crime ou não — como é que eu vou saber a reação que está na cabeça do juiz? A coisa é auto-contraditória em si. Se não existe conhecimento da verdade, muito menos existe o conhecimento do verossímil, isso é uma coisa boboca. Você só pode saber se uma coisa é verossímil ou inverossímil, se você tem uma medida da verdade em termos ontológicos, senão você não consegue. Habermas não sabe do que está falando. Ele não sabe o que verossimilhança, ele não sabe o que é processo, ele não sabe o que é argumentação: ele não sabe o que é nada! Se ele soubesse, perceberia que o que ele está exigindo da cabeça humana é uma impossibilidade: você não pode saber nada do mundo real, mas você tem de saber se tal ou qual argumento vai soar verossímil realmente aos ouvidos de fulano ou cicrano. Quer dizer, se você põe um elefante na minha frente eu não posso enxergá-lo e saber que ele está lá, mas se você põe um juiz na minha frente e eu posso saber o que ele está pensando dentro da cabeça dele — mas isso é uma coisa tão estúpida. Eu contei para vocês a história da lauda um. Um parente meu estava treinando foquinhos na Folha de São Paulo e a mulher chegou e escreveu assim: “Lauda 1”. Habermas, lauda 1: você é uma besta quadrada, você não é um filósofo, você é um papagaio que fala do que não percebeu do que você não sabe. “Vengo anch'io? No tu no! Ma perché? Perché no!” Cala a boca burro! Daí ele prossegue.

Aluno: (...) existe um padre filósofo italiano, chamado Antonio Livi (...)

Olavo: Não li Antonio Livi, já ouvi falar, mas não sei nem se é o mesmo...

Aluno: (...) que desenvolve uma lógica baseada em Reid e Vico e que é uma tentativa de superação desta filosofia que se espalha como erva daninha. Seria possível desenvolver um trabalho como este sobre o direito e a lógica jurídica?

Olavo: Sugiro que você desenvolva e parta disto que eu estou dizendo. Se eu não posso conhecer o verdadeiro, eu não posso conhecer o verossímil em

hipótese alguma, porque é o aparentemente verossímil ou é o realmente verossímil? Para eu apresentar um argumento que seja verossímil a minha platéia, eu tenho de perceber como esta platéia pensa, mas se eu não posso nem conhecer objetos físicos, como é que eu vou adivinhar pensamentos? Esse é um cara que nunca tentou argumentar com ninguém, ele só fala com uma platéia que já concorda com ele. Porque se ele tentasse: “Ô Habermas, vem aqui, me convence disso que você está falando” ele vai usar tudo o que ele pensa que é verossimilhança e não vai conseguir me convencer, prova que ele não sabe o que é verossímil para mim.

A técnica retórica supõe o conhecimento objetivo da verdade, não de toda a verdade, evidentemente, mas daquelas que são pertinentes à situação de discurso. Ora, se eu não posso conhecer verdade nenhuma, como é que eu posso entender o que o outro falou? Como é que eu posso entender um argumento de outra pessoa se eu não tenho o conhecimento da verdade objetiva? Eu vou ter o conhecimento apenas verossímil do que ele disse que é verossímil? Isso seria mero chute, um tiro no escuro: “Eu acho que tal coisa vai soar verossímil na orelha dele, mas eu não sei o que ele está pensando...” então tanto faz você dizer uma coisa como dizer a outra. O resultado será sempre imprevisível. Como você pode pretender ter o controle sobre o processo argumentativo, o processo de persuasão se você não tem nenhum conhecimento da verdade objetiva? Isso é primário, [2:20] Habermas é burro, não tem qualificação para discutir problema filosófico nenhum.

A burrice pode se revestir de formas verbais enormemente complicadas e prestigiosas. É fácil fazer isso. Quanto mais burro um sujeito, mais complicado ele vai ter que ser. Tem gente que escreve complicado porque não tem tempo de escrever fácil, isso acontece. Edmund Husserl sabia taquigrafia, então ele escrevia com uma velocidade impressionante. Escrevia quase com a velocidade do pensamento, então é claro que isso não sai muito fácil de ler. Aristóteles, tudo que sobrou dele são rascunhos de aula que ele ia explicar em classe, então é claro que isso não é fácil de ler. São Tomás de Aquino escrevia para um grupo de intelectuais que tinham em comum o conhecimento da doutrina cristã e o domínio do vocabulário que ele usava. Veja que a *Suma Teológica* foi escrita para os principiantes, então é o escrito mais simples dele, mas quem eram os principiantes eram estudiosos e universitários que já vinham com a formação do trivium e do quadrivium, eles já vinham com o domínio da lógica e da dialética, então é claro que isso não é fácil. Agora, tem sujeito que escreve e fala complicado porque não sabe o que está falando. E se você fizer duas perguntas para ele você prova que ele não sabe. Então esta pergunta para o Habermas: “Como é que você sabe que tal coisa vai soar verossímil aos meus ouvidos, você não sabe?”, se você não sabe não há verossimilhança, há apenas possibilidade, é tudo discurso poético e pode acontecer qualquer coisa. Eu chego lá e digo para o juiz que um cacho de banana produziu abacate e ele entende que a vaca pariu um rinoceronte. O processo de comunicação é impossível sem conhecimento da verdade objetiva.

Aluno: Estava em uma livraria na Itália e me deparei com o seguinte livro: La mentalidad revolucionaria, de Michel Vovelle (...)

Olavo: Olha, não é um autor em que eu teria muito interesse, mas de qualquer modo como ele escreveu a respeito eu vou ler. Eu tenho impressão que vai ser como a paralaxe do Zizek (Slavoj Zizek, *A Visão em Paralaxe*) que escreveu um negócio: a paralaxe... (que escreveu algo usando o termo paralaxe) e quando eu li, vi que era um estupidez, para dizer o mínimo, mas o cara pegou a palavra que eu estou usando e estragou a palavra. Nem por isso eu vou passar a usar outra palavra.

Aluno: Sobre as transgressões dos revolucionários, este trecho de Dostoievski as descreve perfeitamente: “os indivíduos extraordinários tinham o direito — claro, não o direito oficial — a autorizar a sua consciência a saltar por cima de certos obstáculos, e unicamente nos casos em que a execução do seu desígnio, às vezes salvador talvez para a humanidade assim o exigisse.”

Olavo: Ou seja, basta eu achar que uma coisa é salvadora para a humanidade que eu tenho o direito de saltar por cima de certos obstáculos, esta é a transgressão como é conhecida, pensada e vivida pelo revolucionário. Quando eu falo em transgressão, o revolucionário pode transgredir qualquer coisa, inclusive os cânones da própria revolução, ele pode fazer o contrário. Nós não podemos transgredir tudo: nós não podemos pecar contra o primeiro e o segundo mandamento e nem podemos pecar contra o Espírito Santo. Então tem um limite. Agora, todas as outras regras daí para baixo não valem nada. Você vê lá os primeiros mandamentos, especialmente o primeiro e o segundo, e não peca contra o Espírito Santo, que é recusar a verdade, não querer saber — a frivolidade, o desprezo pela verdade é um pecado contra o Espírito Santo. Eu não conheço bem a teologia do pecado contra o Espírito Santo, eu preciso estudar. Alguém me pergunta sobre isso e eu vou deixar para depois, mas o conceito eu entendo perfeitamente.

Aluno: Que aula maravilhosa. Estive pensando um tempo atrás que também estas pesquisas sobre a origem do universo e da Terra, que não se consegue fixar a quanto tempo se deu, é um meio de fixar a mente humana numa escala de tempo finito, sem levar em conta o infinito e a eternidade, aonde Deus disse: “Faça-se a luz” com isso está perdendo totalmente a noção da alma imortal.

Olavo: Mas é claro! Quando a gente faz a pergunta de Leibniz: “Mas porque existe o ser ante o nada?” para essas criaturas — criadores da concepção científica do universo — e daí eles começam: “Não, a vida se originou de uma coisa assim e assim, houve um Big Bang, havia quatro forças...”, mas porque que existiam estas forças? Ou seja, eles sempre vão dar uma resposta que não responde nada. Com a experiência da alma imortal você recebe uma resposta do porquê.

Aluno: Gianotti diz na introdução à tradução brasileira do Tractatus Logico-Philosophicus, de Wittgenstein, que a leitura do livro fecha-se sobre si mesma, se o que pode ser expresso, ou pode ser com clareza, qualquer explicação exterior ao texto penetra nos domínios do que enfim deve ser calado. O próprio Wittgenstein diz que o que não se pode falar deve se calar. Eu pergunto o que não se pode falar? Este Tractatus é o logos divino em que a palavra é perfeita,

existe compreensão perfeita da linguagem? Acabou o equívoco, o ambíguo? Wittgenstein diz isso de charme ou é para valer?

Olavo: Eu acho que tudo que Wittgenstein fez é de charme. Tudo. Esse livro e o resto. Em primeiro lugar: os enunciados tem de ser claros, mas eu mostrei para vocês, nas primeiras linhas, que aqueles enunciados vêm tão carregados de pressupostos inaceitáveis e auto-contraditórios. O que tem de claro nisto aqui? Não está claro de maneira alguma. Quando ele acha que o mundo se compõe de fatos atomísticos. O que quer dizer esta frase? O mundo se compõe de fatos atomísticos de tal modo que se um destes fatos deixa de acontecer não modifica o resto em nada. Como? Isso às vezes acontece, outras não. Ou seja, essa é uma premissa absolutamente gratuita. Porque eu devo aceitá-la como premissa e continuar raciocinando nesta linha. Cada uma destas frases deveriam ser discutidas, mas ele não as discute, ele simplesmente raciocina a partir delas.

Quando o Wittgenstein busca este ideal da linguagem sem ambigüidades e não o alcança, ele parte para a teoria dos jogos de linguagem. Ou seja, se ele não alcançou uma linguagem sem ambigüidades, isso quer dizer que a verdade não existe. Mas o que o seu fracasso em fazer uma coisa — que eu já diria que é impossível antes de você começar a fazê-la — prova a respeito do que quer que seja? Só prova que você tomou o bonde errado. A linguagem totalmente desprovida de ambigüidades, eu primeiro pergunto para quê? Se você construísse uma linguagem totalmente sem ambigüidades, isso garantiria para você o conhecimento objetivo da natureza? Não, provaria apenas a perfeição da sua linguagem; mas no momento em que você admite uma conexão de linguagem com realidade, você está falando de um campo que transcende a própria linguagem e que, portanto, não pode ser contido nela sem ambigüidades. O problema não é saber a linguagem pode alcançar um conhecimento objetivo, mas se nós podemos, ainda que falhemos talvez em colocá-la em linguagem. O produto terminal não pode ser um escrito ou um texto, tem de ser um ser humano.

[2:30] Existem outras perguntas aqui, mas eu só vou ler mais uma coisa aqui.

Aluno: Professor, nós — alguns alunos do Curso Online de Brasília — gostaríamos de avisá-lo que estivemos na casa do embaixador Meira Penna e que o mesmo se encontra-se bem de saúde e extremamente lúcido (...)

Olavo: Graças a Deus, grande brasileiro.

Aluno: (...) Talvez seja bom dividir o ocorrido com os demais alunos do curso já que o embaixador representa a força de um pensamento genuinamente brasileiro que de fato existiu e com a ajuda de Deus e a devida seriedade poderá ser restaurada com a sua ajuda. Abraço a todos.

O Meira Penna é o escritor mais injustiçado da história do Brasil. É um escritor maravilhoso — não quer dizer que eu concorde com tudo o que ele diz ou ache tudo dele perfeito —, muito melhor do que esse pessoal que está na Academia, e, no entanto sumiram com ele, ninguém mais fala. Ele tem o seu público

próprio, o que não deixa de ser uma vantagem — ele tem o seu fã clube, que é bem vasto, e os seus livros sempre venderam bem —, mas ele deveria estar na lista das homenagens oficiais. Muito obrigado pela boa notícia.

O [aluno] André Marc diz que Voegelin critica um concílio que diz que Cristo é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus e o André Marc diz que não entende isso.

Tão pouco eu, não pretendo entender todas as nuances do pensamento religioso do Voegelin, sobre o qual ele se calou na maior parte dos casos. Ele deixa um monte de questões em aberto e essa uma delas. O que pensar disso? Em primeiro lugar eu precisaria saber se ele está dizendo isso desde um ponto de vista cristão ortodoxo ou de um outro ponto de vista qualquer, mas eu não tenho onde me apoiar. Sinceramente, o que Eric Voegelin tenha a dizer sobre o Cristo não me interessa. Ele disse coisas maravilhosas sobre o processo histórico, sobre a mente revolucionária, sobre as ideologias, sobre o gnosticismo etc. e eu já estou contente, gratíssimo com tudo o que ele me deu. Eu não vejo nem como defender, nem como atacar aqueles pontos que estão ambíguos.

Por exemplo, quando eu estava estudando o negócio do Maquiavel, encontrei o Merquior que ora diz que o Maquiavel é um realista espiritual e ora que é um maluco, um confuso. Eu procurei e não achei mais nada que ele tivesse dito a respeito, então... . Até Aristóteles deixou um monte de perguntas sem resposta, quer dizer, toda a obra filosófica é incompleta — toda. Pode ser que o Voegelin dentro da consciência dele tivesse a perfeita clareza sobre tudo isso. Poderia até ter mudado de idéia no dia seguinte. Nunca saberemos. Eu não sou Eric Voegelin, também não sou o anjo da guarda dele e não posso responder por tudo que ele falou. A mais extrema admiração filosófica que você tenha não implica que você possa ter a compreensão completa do pensamento de um filósofo em todos os pontos, sobretudo aqueles que estavam obscuros para ele mesmo e que continuam obscuros para você. A filosofia do maior dos filósofos que foi Aristóteles — ele e Platão — termina com um enigma quando ele diz que tudo o que existe, existe sob forma e substância individuais e todo conhecimento é somente conhecimento genérico. Isso terminou um abacaxi. Como nós fazemos para ter algum conhecimento das substâncias individuais, será tudo irracional? Aristóteles morreu e mais não disse e nem lhe foi perguntado. Como é que eu posso resolver este problema? Eu posso criar outra teoria a respeito, mas eu não sei se esta outra teoria elucidará o pensamento de Aristóteles ou o meu próprio.

Olha, há os que sejam muito fãs de Eric Voegelin e podem tentar elucidar o que ele quis dizer com isso e se ele estava certo ou se estava errado. Mas notem bem: sentenças dogmáticas da Igreja não são afirmações filosóficas: são deduções tiradas do texto revelado. Portanto, quando um concílio proclama que Jesus é verdadeiramente homem, verdadeiramente Deus, ele está querendo dizer que isso está no Evangelho; não que os membros do concílio tenham entendido isso inteiramente. A doutrina católica é constituída inteira na base da elucidação do sentido do texto revelado, com a ajuda, evidentemente, da tradição. O que nem sempre implica o completo domínio

filosófico dos conceitos envolvidos. Aliás, seria isso impossível, porque se a teologia exigisse a perfeita elucidação filosófica de todos os conceitos envolvidos, a teologia não poderia ter começado. Desde o texto revelado até uma perfeita elucidação filosófica, o trajeto é enorme. O Eric Voegelin está criticando estes conceitos do ponto de vista filosófico, talvez tenha alguma razão sem que isso impugne a validade teológica da afirmação. Quem quiser se dedicar a isso... .

Surgiram muitas questões sobre cristianismo ou não cristianismo de Eric Voegelin, eu confesso que eu não sei resolver este problema; mas por que deveria? Eu sou Deus e estou lá julgando Eric Voegelin no juízo final? Esse é um enigma, este problema está nas mãos de Deus. Você pode sondar com meios humanos até onde for possível e se tiver muito interesse na obra do Voegelin, vá até o fundo. Mas eu nunca tive interesse tão profundo na obra de nenhum filósofo, nem mesmo Aristóteles, porque o interesse filosófico é o interesse nos problemas que a filosofia coloca e não na obra dos filósofos, as obras são apenas muletas, instrumentos que às vezes nos servem para elucidar os problemas que nós mesmos colocamos, às vezes não. Eu já tenho problemas filosóficos suficientes na minha cabeça para me deixar ocupado pelo resto dos meus dias e eu estou preocupado em solucionar aquilo que eu não entendo. O que Eric Voegelin não entendia, isto é um problema para Eric Voegelin.

Eu queria lembrar aqui que existem dois grupos de alunos, pelo menos, que se reúnem sistematicamente para assistir estas aulas e dos quais eu gostaria de obter um feedback: poder transmitir aqui ao vivo ou ao menos receber ao vivo a imagem destes grupos para poder estabelecer uma interatividade. Um é o Instituto Olavo de Carvalho, do Paraná, sob a direção da Luciane Amato; o outro é o grupo de alunos do Rio de Janeiro, que eu não sei se chama formalmente Instituto Olavo de Carvalho. Eu recebi aqui a visita de um representante do grupo, Fernando Barros, que trouxe um material do grupo e eu fiquei maravilhado com aquilo, de ver que inclusive velhos alunos meus de 20 anos atrás estão lá assistindo as aulas, acompanhando. Me lembrou Paulo Lopes, grande amigo, grande pessoa, lá firme no Rio de Janeiro. Eu gostaria que o resto dos alunos tivesse algum acesso a estes dois grupos. Se não for possível transmitir a imagem a todos, pelo menos transmitir para mim e eu repasso para os outros os comentários deles. De qualquer maneira, as maiores congratulações a esses dois grupos, o que eles estão fazendo é maravilhoso.

Transcrição: Wagner Cavalcante, Jussara Reis e Eduardo Afonso de Aguiar
Revisão: Caroline Rodrigues De Toni